Memória da Ilha do Mel



Índice

APRESENTAÇÃO 5

FAMÍLIA ALBINO JOSÉ DE SOUZA
ALBARI RIBEIRO DE SOUZA 9
ALBINO JOSÉ DE SOUZA FILHO 10
CLÉVENA MAGALI DE SOUZA TESEROLI 11
CLÓRIS DE SOUZA FERREIRA 12
HELOÍNA RIBEIRO DE SOUZA 15
RUTH DE SOUZA GUIMARÃES FERREIRA 21
WALTER JOSÉ DE SOUZA 22

FAMÍLIA IVERSEN
EVELI MARIA IVERSEM 26

FAMÍLIA GALLI
GIL JOSÉ GALLI 31
GILDA MARIA GALLI 34

FAMÍLIA GOMES DE SÁ
LYGIA MARIA GOMES DE SÁ VIANNA
E ERMINIO MARQUES VIANNA JR. 39

FAMÍLIA BITENKURT VEIGA SILVA
MARIA THEREZA BITENKURT VEIGA SILVA 43

FAMÍLIA ALVES
ZENON ALVES 47

FAMÍLIA LOBO
GEORGE ALBERTO AZEVEDO LOBO
E NADIR LUIZA LOBO 51

FAMÍLIA HAUER E GARBER
ACYR HAUER E HANS KLAUS GARBERS 55

FAMÍLIA ZAGONEL
LILIA BERTI ZAGONEL 61

Apresentação

Os textos aqui publicados foram redigidos a partir de depoimentos orais coletados por equipe contratada pelo Iphan para o projeto Memória da Ilha do Mel. Este projeto buscou não só trabalhar a memória oral, buscando informações sobre o contexto histórico–social de moradores e freqüentadores da Ilha do Mel, mas ainda registrar o cotidiano do antigo "Balneário da Fortaleza", local freqüentado pela elite paranaense. Este balneário foi um dos primeiros locais de férias, freqüentado desde o início do século XX até os anos de 1954/55, tendo seu ápice nas décadas de 1930/40.

A composição do texto segue a linha de pensamento e as informações levantadas nos depoimentos, sendo feitos apenas alguns ajustes para que haja uma seqüência lógica na narrativa, sem alterar seu conteúdo ou modificar o que foi relatado. As informações contidas nos mesmos são declarações dos entrevistados que espontaneamente contaram as histórias vivenciadas à equipe do Iphan.

Com a divulgação destes interessantes fatos, esperamos levantar reflexões e também compartilhar este conhecimento com o público interessado.

Hélina Samyra de Souza Baumel
Coordenadora do Projeto
Memória da Ilha do Mel

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

I59m

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência Regional no Paraná

Memória da Ilha do mel / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência Regional do Paraná; Textos e entrevistas de Hélina Baumel, Kelly Lunardon, Juliano Doberstein. -- Curitiba: 10º Superintendência Regional do IPHAN no Paraná, 2008.

8 p.; 21x25 cm.

1. Ilha do Mel (PR) – História. 2. memória coletiva. 3. Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres – Ilha do Mel (PR). I. Baumel, Hélina. II. LUNARDON, Kelly. III. Doberstein, Juliano. IV. Título.

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
Memória Coletiva: 302 (CDD, 19ª ed.)

Família Albino José de Souza



Crianças na Praia do Forte



Clorís em frente a Fortaleza



Avião que pousou em emergência na praia da Fortaleza



Crianças da Família Souza e amigos a espera para utilizar o banheiro



Ruth de Souza e irmãs no caminhão de transporte do Clube Hotetl Ilha do Mel



Volta de barco do passeio até a gruta das encantadas

ALBARI RIBEIRO DE SOUZA

Nós íamos para a praia desde quando eu tinha meses de vida. Era uma tradição a ida para Ilha, muito aguardada e esperada.

O inverno era a melhor época, por causa das butucas, que no verão eram em muita quantidade. Do final de junho a julho se passava lá, e era uma época boa pra nós crianças. Não havia problema com frio, ou coisa parecida, era uma beleza!

Na época morávamos em Piraquara, depois mudamos para Curitiba. Mas essa fase boa da Ilha foi quando nós morávamos em Piraquara, até meus 12 anos de idade. Essa viagem tinha um preparativo todo especial; meu pai sempre gostou de fartura, casa cheia. Ele era meio calado, não era um homem de muita conversa, mas tinha um jeito muito metódico e valorizava muito esse programa de passar alguns dias de férias na praia, achava que faziam muito bem para a saúde das crianças e de todo o pessoal.

Não lembro, na época, da casa de ter tido menos de vinte pessoas. Naqueles tempos era muito mais fácil, minha mãe tinha duas secretárias ótimas, que eram como se fossem irmãs da gente. Os preparativos eram uma coisa muito envolvente. Havia o Valter que, inclusive na véspera, ia dormir conosco. Ele não dormia esperando o dia, a preparação da bagagem, dos mantimentos pra casa e a parte de suínos que o meu pai que trazia lá da serra! O porco engordava e ia ser morto na véspera de irmos para a praia. Aquilo tudo era uma coisa extraordinária para todos.

A gente ia lá ajudar, tanto é que até hoje eu gosto, eu não passo em um armazém sem comprar um queijo branco, uma parte que me lembra essa fase de minha vida.

Quando chegávamos na estação para pegar o trem os volumes eram no mínimo umas vinte ou trinta caixas. A gente entrava no trem e ficava aguardando uma estação que fica a umas três estações abaixo de Piraquara, que chama Roça Nova, para comer o bolinho de água! Era uma festa!

Chegando a Paranaguá tinha um carregador baixinho, parnanguara, com cara de índio, que usava um bonezinho com o número 1. O carregador era o número 1! Ele pegava todo aquele volume e levava lá na beira do mar, para embarcar na lancha.

Na chegada à Ilha, tinha uma lancha de época anterior, um outro tipo de embarcação. E, que eu me lembro, pertencia a uma sociedade, que tinha

esta lancha para levar o pessoal. Quando não era assim, meu pai alugava um barco e levava só a família. Nós íamos no mínimo em vinte pessoas, entre crianças e adultos. Naquela época tinha um trapiche, lá na ponta da Ilha, mas teve épocas que não. Quando não tinha o trapiche, íamos ali na frente do Forte pra descer de canoa... Tinha o famoso Satuca, um cara forte, um sujeito com uma canoa muito bonita e grande em que a gente descia do barco na canoa e, depois quando chegava à arrebentação que chegava na praia, se descia da canoa e molhava até a cintura quase para poder chegar na praia.

Brincadeiras e passeios

Nesse período que se passava lá tinham muitas brincadeiras. Eu tinha muitos amigos, naquela época eram quase sempre as mesmas famílias que desciam para aquela área da Ilha, que era a praia do Forte. Hoje tem a Praia do Farol, as Encantadas, mas na época era o Forte ou lá no Farol, onde ficava o pessoal da praticagem.

Estes encontros de amigos só aconteciam nas férias lá na Ilha, depois cada um tomava seu rumo, eu morava em Piraquara, e estudava em Curitiba e era colégio interno, então só nos encontrávamos lá. Era muito bom! Uma brincadeira sadia.

Os passeios para as Encantadas também eram motivo de festa; ficavam uma semana programando, fazendo farofa pra levar para comer, decidindo quem ia levar o quê. Cada um tinha a sua obrigação para cumprir, seja quando chegava, seja quando ia sair para um passeio.

Às vezes coincidia de a gente fazer um programa para ir para às Encantadas e mais alguma outra família também, aí então a festa ficava melhor ainda.

As namoradinhas só mais tarde na travessia e lá nos bailinhos. Havia uma pedra que o pessoal escrevia o nome com as meninas, mas isso era para os mais velhos, nós éramos pequenos. Ficava no Forte, que era o ponto, o local das serestas na Lua cheia. Todo mundo ia pra lá, e muita gente levava tinta.

Lembranças do período da guerra

Do período da guerra eu lembro que tinha o jipe do tenente, que cuidava da Fortaleza. Lembro-me disso porque nós tivemos um irmão que faleceu justamente na época em que estávamos lá, era o irmão mais velho, do primeiro casamento do meu pai. E a noticia veio através do rádio. E foi o tenente que veio avisar. Como meu pai não tinha lancha, e tinha de ir a Paranaguá, foi uma peripécia!

Nesta época da guerra havia lá no Forte uma guarnição, época que tinha muares para abastecer de água o pessoal, depois então isso acabou.

Texto baseado no depoimento de Albari Ribeiro de Souza, 74 anos.
Seus pais: Albino José de Souza e Heloína Ribeiro de Souza.
Data: 01/2009

ALBINO JOSÉ DE SOUZA FILHO

A Ilha Encantada

Passei parte da minha infância e juventude ficando pelo menos dois, três meses por ano na Ilha do Mel. Principalmente nas férias de julho, que era a época da grande temporada.

A Ilha tem para mim um marco de alegrias, felicidades e de aprendizados na convivência familiar e, sobretudo, do amor às pessoas e à natureza.

Nossa casa estava sempre cheia, nunca com menos de dez pessoas; irmãos, primos, sobrinhos do meu pai, enteados, parentes próximos, solteiros, noivos e casados. Sempre tínhamos obrigações para cumprir: as meninas arrumavam a casa e os meninos rastelavam o pátio externo e ajudavam a cavar um grande buraco na areia no fundo da casa, para a fossa sanitária e colocar o "castelinho".

Meu pai foi um dos pioneiros da Ilha. Era reservado, metódico e portador de uma grande generosidade. Minha mãe, dona Heloína (Lilinha) era animada, sonhadora, de espírito artístico, gostava de pintura, música, piano e canto. Ela que marcava e comandava as nossas tarefas. Tínhamos que ler determinadas revistas e livros selecionados que trazíamos em nossa bagagem. Na minha lista estavam os livros de Érico Veríssimo e os do escritor Inglês J. Cronin. Seu livro "A Cidadela", que li aos treze ou catorze anos, foi que me despertou para a vocação de medicina.

As partidas de futebol que jogávamos descalços na areia eram acirradas, principalmente quando eram feitas com moradores pra lá e pra cá do Forte. Os meus pés ficavam cheios de bolhas.

À tarde em frente ao hotel, os times do jogo de vôlei eram mistos. Era quando, às vezes, arriscávamos, timidamente, algumas paqueras. À noite, após o jantar, à luz das lanternas de querosene (Petromax), comentávamos as ocorrências do dia, líamos ou jogávamos cartas e dominó até no

máximo às 22 horas.

Nos finais de semana tínhamos o baile no clube de madeira ao lado do hotel, que não existe mais. O tango era a musica da época. Os jovens “maduros” e alguns casais exibiam seus passos “portenhos”. Recebíamos também em casa as esperadas serenatas.

Depois de casado e morando em Criciúma, Santa Catarina, tornou-se mais difícil freqüentar a Ilha; porém nunca deixei de ir esporadicamente, levando a esposa e filhos e ultimamente os meus genros e netos. Sempre fiz questão que todos sentissem, em loco, esse encantamento. E quando agradeço ao Pai celeste pela vida, agradeço os pais que tive, à educação que me deram e de terem nos proporcionado essa vivência nesse pequeno mundo maravilhoso de sua criação: A Ilha encantada.

Texto baseado no depoimento de Albino José de Souza Filho.
Seus pais: Albino José de Souza e Heloína Ribeiro de Souza.
Data: 07/2009

CLÉVENA MAGALI DE SOUZA TESEROLI

O meu pai começou a ir para a Ilha do Mel na década de 1920. Íamos sempre em julho, no inverno, e ficávamos um mês. Nós íamos de trem e pegávamos a lancha em Paranaguá. Não existia ainda em Pontal do Sul. Alugávamos uma lancha e íamos passando pela Ilha das Cobras até a ponta da Ilha, e descíamos em frente à casa. A gente pulava da lancha para a canoa e vinha, mas era difícil por causa da arrebentação, muitas ondas fortes.

Havia também o trapiche. Quando descia no trapiche, quase na ponta da Ilha, tinha o caminhãozinho e também a carrocinha com um cavalo, do filho do Diamantino. O Diamantino era lá em Brasília. Mais tarde a gente já ia por Pontal; a firma do meu pai tinha um caminhãozinho, e a gente ia sentado nos bancos, com as bagagens até Pontal.

Os preparativos e a infra-estrutura da Ilha

Criávamos porco em casa e matávamos uns quinze dias antes, fazendo latas de banha. Fazia uma fritada na costela e outras carnes e enterrava na lata de banha. Eram umas quatro latas, porque naquele tempo não existia azeite. A lingüiça se fazia em casa em casa, lá em Piraquara. Colocava em girau, pendurada com uma fogueira em baixo. E a lingüiça ia pingando e

pingando e defumava, ficava seca. A gente levava aquela lingüiça, levava "cudiquim", o nome de queijo de porco. Nós temos na aldeia lá de Portugal essa receita. Era isso que a gente cortava para comer com café, não tinha manteiga, era banha que se passava no pão.

Não tinha luz, não tinha nada lá na ilha! A água era de lata. O pessoal nativo trazia a água, que vinha em barril e eles vendiam, traziam em carrinho de mão. A água era cara, vinha da fonte lá da Fortaleza. O banho era de canequinha e não era com aquela água, esta era apenas para cozinhar e beber. Tinha um gosto ruim, parecia água de iodo. Eu colocava limão pra disfarçar um pouco. Nós trazíamos um engradado de suco de uva, e os outros tomavam o suco. Eu não gostava, então bebia só com limão.

A uva era lá de casa, da fazenda. Nós fazíamos nos tachos, a geléia de uva e os sucos. Engarrafava tudo e tinha um aparelho para fechar a tampinha. Depois, fervíamos tudo para conservar e levávamos para ilha.

Diversões

Nossas brincadeiras eram jogar vôlei e baralho (escopa). Havia também os bailes no hotel. A gente se arrumava. Sempre levava umas saias, porque naquele tempo não se usava calça comprida, era saia. No dia do baile colocava uma vela em cima de duas latas de arroz (não existia plástico) e arrumava o espelho encostado na parede e se pintava, se ajeitava para ir ao baile.

Quando a gente escutava os foguetes, é que ia começar. Daí, saíamos ligeiro pela praia para ir lá. Mas o pai ia junto!

Nós não usávamos sapato de salto; eram sapatos feios que se tinha naquela época. O pai levava a gente, dançava primeiro com cada uma de nós e depois é que os moços podiam vir tirar a gente.

Outros tempos

Nos tempos da guerra foi difícil pra gente, de 39 até 45. Nesse período não íamos mais com os italianos amigos nossos, que tinham casas lá; os Cale, os Zagonel, a Ritma.

O exército usou as casas deles. Ao lado da nossa casa tinha a casa de um tenente, que foi invadida. Nós tínhamos medo do canhão. Uma vez até deram um tiro de canhão, quando um navio vindo da Argentina passou. Estávamos lá quando eles atiraram. Foi aquela correria na Ilha do Mel, o tiro foi de um canhão lá de cima do morro da Fortaleza.

Havia holofotes e também o jipe do exército. No Forte era o quartel, com uns oitenta a cem soldados. Diziam que havia rádio na casa dos alemães, que tinha um fundo falso e lá havia um rádio que eles transmitiam para a

Argentina. Porque a Argentina era favorável à Guerra, aos alemães.

Então esse foi um tempo difícil. A gente levava açúcar mascavo, não era açúcar branco, verdura, cenoura. A gente fazia um buraco e enterrava todas as cenouras com o cabinho pra fora, para conservar. O chuchu, também, enterrávamos ao lado da casa que dá para o Farol, de onde o vento vinha. De um lado da casa era a Fortaleza e batia Sol, e do outro lado era o Farol, de onde batia o vento.

Um episódio marcante

Uma vez um avião caiu. Às vezes tinha gente, alemães ou italianos, depois da guerra, quando o exército já tinha saído e eles voltaram pra ilha. Eles vinham de teco-teco, como dizia na época. Desciam ali na praia, que agora esta pequena, mas na época era enorme a praia! Com o binóculo a gente observava os navios que passavam bem perto. Porque era fundo ali, o navio passava no Farol, em frente da nossa casa, dia e noite. Lindos! Cargueiros. Era difícil passar um de passageiros, naquele tempo era mais navio cargueiro.

A Fortaleza e as festas na Capela

Nós íamos sempre brincar na Fortaleza, naquelas pedras de fora. Depois que a maré começou a encher a gente começou a passar do lado de lá da Fortaleza. Tinha uma escada para passar por cima, de tronco de árvore, bem simples.

Havia uma festa na Igreja que ficava do lado de lá, que acontecia em julho. Para chegar lá tinha que passar por cima da Fortaleza. Todos se lembram do andor que nós tínhamos que passar por cima da Fortaleza. Nós seguíamos no de Santo Antônio, pois queríamos casar!

Correspondências, doces e serenatas

O correio era na casa do Sr. Domingos, um nativo. A mala do correio vinha na lancha e a casa dele era bem perto da Fortaleza. Quando chegava, todas as moças estavam na porta, esperando as cartas dos namorados. Mas era outra coisa!

Havia as serenatas quando se fazia amor em pedaços para servir. Tinha as cocadas da Quinota, que morava perto do seu Domingos. Uma delícia as cocadas! Depois começaram as balas de banana no Diamantino, já na década de 1960.

Texto baseado no depoimento de Clévena Magali de Souza Tesseroli, 72 anos.

Seus pais: Albino José de Souza e Heloína Ribeiro de Souza.
Data: 01/2009

CLÓRIS DE SOUZA FERREIRA

Fui para a Ilha do Mel a primeira vez quando ainda um bebê de três meses. Meu pai achava que era saudável, e que a água do mar fazia muito bem; achava que aquilo deixava o bebê mais forte, então nós íamos pra Ilha sem remédio algum, não se levava nada de remédio, porque o mar curava tudo! Eram essas as palavras de meu pai e a gente acreditava piamente que qualquer dor, qualquer machucado a água do mar curava.

As viagens

Eram mais de trinta na família. Saíamos de Curitiba - isto depois de 1954, quando mudamos de Piraquara para Curitiba. Viajávamos todos pela ferrovia. De Piraquara vinham todas aquelas caixas - eu lembro de contar mais de vinte - que subiam no vagão com roupas, alimentos, tudo que se podia levar. E martelo, prego, ferragem, madeira, porque meu pai tinha uma serraria e ali se consertava de tudo. Em junho era o mês que eles consertavam. Em julho a gente começava a poder usufruir melhor da casa.

O mais fantástico era aquela espera para nós, crianças, porque tínhamos que fazer o rol das roupas, era tudo organizado: três calças compridas, tudo em três... Tinha esta quantidade porque havia as gavetas para cada um e não podia ser mais que aquilo, porque não caberiam todas as roupas. Minha mãe levava tudo muito a sério. As malas eram todas iguais, eram todas fabricadas pela Ika, que era uma grande fábrica curitibana. Eram feitas especialmente para nós, eram como sacos, que não passava água, impermeáveis por dentro e por fora, porque a maré batia e derramava água sobre elas, principalmente quando se saía da barca principal e passava para a canoa.

Na nossa casa ficavam 23 pessoas mais ou menos. De 23 a 25, numa primeira casa. Havia uma segunda e eu já peguei a terceira casa, porque a segunda, que era da década de 30, o meu pai alugava do cabo Verde, que era um nativo da Ilha. Meu pai alugava devido à saúde das minhas duas irmãs, que tinham problema de pulmão. Elas tiveram pneumonia e foi recomendado pelos médicos que elas passarem a temporada de férias lá. Assim começaram as idas para Ilha, porque ele acreditava muito nessa ques-

tão da saúde, da água, da caminhada, do exercício. Nós todos aprendemos a nadar.

As atividades eram todas cronometradas, todos nós tínhamos funções; as meninas desde a arrumação da casa, de cada quarto, da cama, e os meninos para buscar água, cortar a grama. Cada um tinha um horário controlado, no lazer também.

Lembro bem das minhas chegadas na Ilha a partir de 1954, quando a gente saía da barca num trapiche e pegávamos um caminhão. Depois desses caminhões eu lembro que a gente chegava com outra barca, a Ilha do Mel. Mais ou menos nessa época ela afundou, mas a gente chegava com as barcas vermelhas da companhia de praticagem. Era o Satuca que ia nos buscar. Então era aquela festa... Para descer os nativos pegavam a gente no colo.

Meu tio Martinho José de Souza, é de uma outra geração e a tia Neneca só foram uma vez porque ela passou muito mal e ela não gostou de lá. Os filhos deles, Vera, Valter e Rute, vinham conosco. Esses primos sempre vinham, os tios, assim com outros primos também, que moravam em Piraquara. A gente veio para Curitiba, mas viu que era super importante essa reunião. E a família se organiza até hoje, a gente tem uma caranguejada na Praia de Gaivotas onde o assunto é Ilha do Mel.

Momentos de lazer

Na época eles liam para nós, contavam estórias, a gente fazia pequenos teatros, cantos, brincadeiras. Eu lembro que a gente fazia o esconde-esconde, os irmãos faziam gincanas, eram brincadeiras saudáveis, de uma época maravilhosa! Fazíamos guerra de areia, as piçarras, meninos contra meninas... Estas coisas a gente lembra com muita satisfação, o vôlei, o futebol, o jogo de praia.

Meu pai jogava bocha com os amigos, tinha o Clube Balneário Ilha do Mel, onde ele foi um dos pioneiros. Isso tudo era uma questão fundamental para nossa formação, para nossa convivência porque era impressionante como gerações de várias faixas etárias conviviam em plena harmonia e, também com os vizinhos. Era uma comunidade fantástica, onde o respeito, o lazer e principalmente a ajuda aos nativos era fundamental. Meu pai sempre falava que precisava ajudar os nativos então a gente fazia aquelas festas de junho, da Santa Padroeira. Aí ele fazia uma espécie de leilão, levava os brindes e tudo era leiloado, ficando o lucro para a comunidade pesqueira.

Eu aprendi com meu pai a gostar do folclore, aquelas danças todas da beira mar, as comidas nativas, o barreado. Eram muito importantes. Minha mãe gostava de fazer os cânticos, ela foi sempre muito religiosa e também cantava. A gente sempre preparava os cantos religiosos para a Igreja, na ocasião dessas festas. Para mim a Ilha do Mel tem um papel muito importante porque depois eu levei meus filhos e agora estou também levando os netos.

Em épocas anteriores havia bailes com roupas clássicas, smoking... A minha mãe conta que tinha piano no hotel, e que minha irmã mais velha, que morava em São Paulo, trazia todas as roupas que chegavam de navio.

Depois da época da Guerra, houve um abalo muito grande. Minhas irmãs sempre contam que as famílias alemãs foram para outra parte do litoral; Caiobá e Matinhos. Foram expulsos da Ilha, uma grande injustiça, mas foi isso que aconteceu. E aí as coisas começaram a ficar muito difíceis na Ilha. O nosso lazer era fazer serenata, minha mãe, cantora lírica, gostava muito e ensinava pra nós. E nós saíamos e também tínhamos os nossos amigos. A família Távora, Zagonel, Oliveira...

O baralho também era uma forma de lazer dos meus pais. Eu preferia escutar as estórias de minha mãe, que fazia sempre aquelas cenas dramáticas. Contavam minhas três primas que a gente levava lencinhos, porque havia a hora em que a gente chorava porque ela contava as estórias da vida dela. Então eu preferia esse tipo de coisa. Então essas coisas a gente conhecia, histórias da família através dessas idas à Ilha do Mel.

A alimentação no período de férias

A alimentação era levada daqui. Lembro-me que dois porcos eram mortos lá em Piraquara. Eu ficava triste, matavam o porco e aí fritavam a carne. Eram preparados tonéis de banha aonde iam as carnes.

O que eu achava mais interessante eram as verduras e folhas. Nós tínhamos horta lá em Piraquara, de onde eram colhidas as alfaces e todas as demais verduras com raiz e muito bem embaladas para o transporte. Quando a gente chegava lá na Ilha era refeita aquela horta, se fazia novamente os buracos na areia e se replantava, porque meu pai dizia que durava mais. Era feita na lateral esquerda da casa, onde ele dizia que tinha uma grande geladeira na época (nada mais era do que um armário com tela). Tinha que preservar os alimentos e melhor ficava naquela “geladeira” natural com o vento do mar, o vento sul. Todos os alimentos precisavam ser conservados, porque o que a gente levava eram coisas que duravam uns quinze dias

no máximo. A carne, talvez, é que agüentasse um pouco mais.

Eu não lembro muito bem dos produtos que a minha mãe levava que iam para essa “geladeira”. Lembro-me das hortaliças que eram todas replantadas, levava-se muitos ovos, eu lembro que essa parte era uma de minhas primas que cuidava, e vinha ao lado dela aquela cesta imensa com ovos e ninguém podia chegar perto, para não quebrar. Bom, como nós descendemos de portugueses, não podia faltar o bacalhau que a gente levava e muita batata. Mas muita batata, íamos com sacos e sacos de batata. Lembro também das azeitonas naqueles tonéis, muito azeite de oliva, arroz e macarrão porque minha mãe descende de italianos. E a farinha...

Abastecimento de água e banhos

Eu lembro que teve várias etapas nessa situação de escassez de água, foi uma coisa que demorou muito. Na época que a gente ia com o caminhão, eram compradas as latas d’água. Eu lembro até que vinham duas senhoras que traziam na cabeça a lata d’água. A água era a coisa mais preciosa da Ilha do Mel. Teve um tempo que a água era do Morro do Forte, era comprada do aguadeiro que trazia para gente. Mais tarde nós conseguimos uma espécie de um encanamento que vinha de uma fonte atrás de onde era o Satuca. Não tinha essa água vermelha, era uma época de escassez de água. Quando nós descobrimos a água vermelha nós tínhamos fartura de água e aí vieram aqueles chuveirinhos que se faziam de carretilha! A gente ficava vermelha e tudo, mas tinha água à vontade. Depois, com o passar do tempo, nós conseguimos o encanamento que foi essa água da Sanepar que está lá.

Mas eram divertidos os nossos banhos! A minha mãe era quem controlava a água. Você tinha direito a banho de balde apenas uma vez na semana! Durante todos os dias, ela nos dava um balde, pequeno, que tinha que jogar de pouquinho. Aí no sábado ela passava revista na gente, ela lavava da cabeça aos pés, e a gente morria de medo dela, porque ela era de esfregar com sabão de coco. Eu lembro também que ela lavava a cabeça da gente e a gente morria de tristeza, porque era uma dor horrível, pois ela esfregava muito e ninguém queria passar pelas esfregações da minha mãe que eram com bucha. Em fileiras os meninos e as meninas passavam pelas mãos dela no sábado. Durante a semana era a gente mesmo que se organizava, no final da tarde. Tinha que lavar os pés antes de dormir. E às vezes a gente podia jogar aquele tanto de água pelo corpo. Eu lembro que tinha um paninho, que eu preferia. Primeiro ensaboava e depois enxugava, fazia aque-

les “banhos de gato”, como chamavam. Tinha umas cabines; as meninas de um lado, os meninos do outro, os horários eram diferentes para não coincidir meninos com meninas, e era tudo muito bem organizado!

Doenças e remédios

Meu pai não levava remédio. Tinha chá de ervas, que eu me lembro. E eu acho que a gente tinha sorte, porque nunca aconteceu nada assim de muito grave. E eu tive um acidente com a minha filha, mas já tínhamos doutor ali, que morava na casa branca. E outro acidente foi com a mãe, mas então tivemos que tirar de barco.

A Paisagem

Haviam árvores tortas, inclinadas, e uma que a gente dizia “árvore barbuda”. Não sei se ela tinha outro nome, nossa família chamava assim aquela árvore, foi até uma das últimas que aparecem na pintura que o professor Erwin fez pra nós na casa. Ele retrata essa árvore que ficava próxima ao hotel, que eu acho que era uma das mais antigas. Mas tinha várias parecidas com essa, principalmente depois da Fortaleza, ali perto do cemitério tinha uma, lá no canto da Ilha tinha outra.

Passeios

As nossas caminhadas eram sempre para ponta Oeste da Ilha, eram mais comuns as nossas idas lá. Para as Encantadas era uma coisa mais planejada... Meu pai usava esse critério, com cinco anos as crianças poderiam ir até o Forte, com dez até o Farol, com quinze podiam ir até as Encantadas, com vinte anos elas poderiam ir até a Ilha das Palmas... Como eu casei com 17 anos, eu não conhecia as Palmas. Lembro quando fui pela primeira vez já casada, com meus três filhos e meu primo Valter, que me levou nas Palmas. Não podia ir antes disso era regra da casa.

O convívio com os moradores locais e as tradições

A relação com os moradores era maravilhosa. O Cesário e a dona Quinota eram como segundos pais nossos, porque eram referência para tudo. Porque eles ajudavam muito meu pai e minha mãe e cuidavam de nossa casa; o filho deles, o Araldo, era amicíssimo dos meus irmãos, jogavam bola e tudo. O Satuca era uma criatura fantástica. Ele contava umas histórias maravilhosas. Ele morava depois da Fortaleza, e a gente fazia a limpeza na casa dele, mas ele não gostava muito que mexesse nas coisas dele; nossa função era limpar e arrumar a casa. A do... cor de rosa, a gente sempre dizia: cor de rosa! Não lembro o nome do pescador, ele morava próximo a Igrejinha. Ficou cego e faleceu há uns quatro ou cinco anos atrás. Esse os

meus filhos ainda conheceram, então eu continuei com essa coisa que a gente sempre ia arrumar a casa dele.

Havia esses pescadores, tinha o pessoal que entregava as cartas que também eram muito amigos da família, meus filhos fizeram muita amizade lá com esses mais jovens. Depois, mais tarde o pessoal de Brasília, quando a gente descia ali.

E sempre que podia minha mãe trazia os filhos dos nativos para estudar; teve dois meninos, que cuidavam da água, que vieram estudar em Curitiba. Tudo que eles precisavam em Paranaguá meu pai dava uma força. Então a gente sempre se lembra deles assim, de uma forma que o que a gente podia fazer, sempre estava fazendo. E em relação a isso eu sei do compromisso que meu pai tinha com a questão do clube, cuja norma era fazer o trabalho social. Isso incomodou muito meu pai, porque essa associação meio que diversificou. Foi criada com uma diretriz e ao longo do tempo ela foi se perdendo; só sei que em 1956 ele tomou de volta, eles retomaram esse clube e posteriormente venderam e conseguiram fazer uma doação para Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá.

Muitas pessoas acham que o clube foi leiloado e não sabem o que foi feito depois, porque houve muita divergência nessa associação; uns queriam que ela fosse com fins lucrativos, e na verdade a finalidade era esse apoio à comunidade. Mas isso foi se perdendo. Depois da guerra perdeu aquele objetivo pioneiro, que era as origens artísticas, o Fandango, as danças. Eu me lembro que meu pai me levava pela mão pra ver o Fandango no clube.

Havia dois tipos de fandango, um que arrastava o pé na areia outro que batia com a tamanca. Era uma coisa tão bonita, a música era rica, com seus instrumentos. Depois já vi e assisti a invasão do eletrônico, lá no Diamantino, a substituição da viola de sete cordas e do violão pelo eletrônico, aquela invasão toda, a chegada das drogas, aí desmontou tudo. Hoje não sei se tem, em algum canto da Ilha, o Fandango ou só na memória das pessoas...

Texto baseado no depoimento de Cloris de Souza Ferreira, 59 anos.
Seus pais: Albino José de Souza e Heloína Ribeiro de Souza.
Data: 10/2008

HELOÍNA RIBEIRO DE SOUZA

Em julho de 1937 eu chegava (em lua de mel) no mirante desta Ilha, deslumbrada por tudo que via, pois não conhecia o mar, assim tão perto. Fomos de Piraquara até Paranaguá de trem, uma viagem de três horas com lindas paisagens das serras, dos 14 túneis, pontes em precipícios e paradas nas estações pequenas como Roça Nova, Banhado, Véu de Noiva, Porto de Cima, Marumby e Morretes. Chegamos a Paranaguá às 17h30. A lancha da Ilha do Mel sairia somente às 14 horas do dia seguinte, dando tempo para um passeio e almoço.

A lancha que fazia a travessia era grande, tinha o mesmo nome da Ilha e levava duas horas até o destino. Entrando pela Baía de Paranaguá, com vistas lindas como a Ilha das Cobras, a Ilha das Peças e o vai e vem dos navios que entram e saem pelo mar aberto chegando ao porto de Paranaguá. Chegamos ao trapiche do Mirante e a caminhonete do Hotel aguardava a chegada dos passageiros. O Albino, meu marido, conduziu-me para a caminhonete que nos levaria até a casa que ele já possuía há oito anos. Ele era assíduo freqüentador das temporadas de praia no verão e mesmo nos meses de junho e julho.

A Ilha do Mel

Eu me sentia tensa e surpresa com tudo. No percurso do Mirante até a nossa casa, não dei uma só palavra, absorta estava pelo mar, olhando as fortes arrebentações que formavam uma cordilheira de espumas brancas perto da Ilha das Palmas. Logo em seguida, em frente ao Morro, a Fortaleza com suas largas muralhas fazendo a segurança da Barra de Paranaguá, ali passamos com a maré já enchendo e batendo nas pedras da muralha. Chegamos ao Hotel onde ficaram os demais passageiros. Era um casarão grande, branco com janelas verdes, com uma entrada larga, simpática e acolhedora. Nós continuamos mais um quilômetro em frente. Em seguida, que surpresa, uma bonita casa toda de alvenaria, arredondada, pintada de grená e janelas brancas. Todo o beiral com lambril branco, gostei muito.

Estavam nos esperando a senhora que servia a família, uma portuguesa muito alegre que cantava e dançava “fados”. Antes de entrar fiquei olhando para o morro do Farol, que fecha a curva, entre as praias das Conchas e Prainhas dos pescadores, como me falaram. É um panorama lindo!

O Farol, no alto do morro majestoso imponente no seu pisca-pisca dando

a meta certa da entrada dos navios no canal da barra. Apaixonei-me pela Ilha!

A casa confortável, bem cuidada, toda pintada a óleo com motivos chineses, com sótão, três quartos em baixo, dois em cima. O nosso, de frente para o mar, uma sala de entrada, uma copa para refeições com uma grande mesa e as demais dependências de cozinha, banheiro e os quartinhos para trocar a roupa após o banho de mar e mais uma dispensa bem sortida, para suprir toda a temporada. Um forno de fazer pão, como se usava antigamente. Pois não havia padaria na Ilha. E tampouco luz elétrica. A luz era de petromax, tipo de lampião, que iluminava bem. A água era de poço para o serviço da casa, e para beber e cozinhar era trazida da fonte que vinha do morro da Fortaleza. Quem trazia a água eram meninos meleiros e o Natálio, um pescador nosso vizinho.

No começo era 400 réis a lata de 20 quilos, que traziam em carrinho de mão. Com o passar dos anos, chegou a 2 mil réis a lata. Nós ocupávamos de 6 a 8 latas por dia, às vezes até mais.

O banho de mar era indispensável a todos. Tomava-se dois ou mais por dia, principalmente no verão, que agradava mais. Quando se queria um banho quente, tomava-se de chuveiro de carretilha ou o mais primitivo, de canequinha.

Essa primeira temporada foi apenas de vinte dias, e que achei maravilhosa!

A espera para ir à Ilha era contada na “folhinha”. Era uma euforia, mesmo com as dificuldades para levar de tudo. Valia a pena! Fazíamos isto três vezes por ano; íamos sempre em janeiro, fevereiro, julho e começo de agosto. Às vezes também em junho.

Com três meses de idade o meu primeiro filho já molhava os pezinhos na água do mar. Passados os três primeiros anos de casada eram três crianças, Albininho, Albari e Klévinha como acostumei chamá-la.

Era uma satisfação as nossas idas para a Ilha do Mel. Iam também mais parentes, as sobrinhas do meu marido, que compartilhavam conosco das temporadas gostosas. O trajeto que fazíamos de viajem de trem de Piraquara à Paranaguá era muito divertido. As crianças contavam os túneis por onde passávamos e a euforia demorava até que passassem todos. As paradas do trem nas estações eram esperadas com ansiedade, em especial a de Banhados, onde se comprava uns bolinhos muito gostosos.

A vista da Serra e da cachoeira Véu de Noiva, chamava muito a atenção

deles, como também a passagem nas pontes e os precipícios. Chegávamos em Paranaguá às 11 horas, o carregador n.º 1 vinha nos atender, levando nossas bagagens para a rua do cais, onde a lancha já estava pronta para sair às 14 horas para a Ilha do Mel. Neste intervalo arrumávamos tudo na lancha e saíamos para o almoço.

As crianças inquietas só falavam na chegada à Ilha. Às duas horas da tarde, já estávamos todos acomodados na lancha. As crianças iam contando os botos que acompanhavam a lancha e os navios que passavam. A paisagem com a Ilha das Cobras e a das Peças completava o cenário na chegada à Ilha.

Depois de uma boa caminhada de dois a três quilômetros, com o carrinho para transportar as bagagens, estávamos em casa. Não contando com às vezes de maré alta que não dava passagem pela praia. Então forçosamente passava-se por dentro do Forte, subindo o terrapleno, para descer pela escada do outro lado com bagagens, malas e filhos. Era bem cansativo, mas ninguém reclamava!

O primeiro e o segundo dia eram dedicados à limpeza e arrumação, ficando determinadas as tarefas para cada um deles executarem todos os dias. Seguia-se esse ritmo diariamente: banhos, passeios e brincadeiras. Na hora do almoço, era um alvoroço, todos apetitosos e arrumados para sentarem-se à mesa. O Albino passava um olhar de aprovação a todos. Podiam comentar as brincadeiras da praia e os planos para a tarde. O nascer do sol na Ilha do Mel era e é até hoje a primeira atração do dia. Como é linda, às 6h30, aquela bola de fogo nascendo no horizonte parecendo sair de dentro d'água... Todos saíam para a praia para apreciar essa maravilha! Interessante também era a chegada das canoas pela manhã na praia trazendo muita variedade de frutas, verduras, mariscos, ostras, camarão e tainhas, muito apreciadas. Os banhistas, principalmente os homens, vinham de cestinhas fazer suas compras. Isto para o Albino era uma obrigação diária. Ali, havia as "pechinchas", brincadeiras e todos saiam satisfeitos. Nesta ocasião marcavam entre eles passeios e jogo de bocha à tarde.

As brincadeiras e diversões

A passagem dos navios enfeitava o mar, no vai e vem até o porto de Paranaguá, passando pelo canal. Esse era um momento indispensável para a criançada e mesmo para os adultos, pois o binóculo passava de mão em mão e diziam: este é inglês, francês, sueco, italiano. O apito animava as crianças que vinham correndo para a praia. Havia dias que se contava de

oito a dez ou mais navios entrando na barra.

Os práticos dos navios trabalhavam em forma de organização mantida pela Marinha, os quais moravam no Farol com suas famílias. Dali é que saia o prático para assumir o comando do navio pilotando-o do canal até chegar ao Porto de Paranaguá, pois só eles conheciam o canal, evitando os bancos de areia na passagem dos navios. As lanchas da praticagem eram de cor vermelha e de longe se avistava quando saiam do Farol para o alto mar ao encontro dos navios. Os práticos ficavam na escuta do rádio transmissor e no aviso do faroleiro quando avistava o navio entrando. Com o mar calmo tudo corria bem, mas nas revoltas do mar bravio era posto à prova o valor desses homens, que enfrentavam com riscos as grandes muralhas de ondas para se aproximarem do navio com a lanchinha e, através das cordas de apoio, subiam a bordo do mesmo.

Quando os navios voltavam de Paranaguá, muitas vezes no lusco-fusco do entardecer, com as luzes já acesas, pareciam árvores de Natal, iluminados, navegando pelo mar e fazendo parada no Farol para o prático descer. As crianças gostavam de ver e esperar que sumisse no horizonte.

À noite o Albino fazia o joguinho de “cartas” com os que sabiam. O que mais as crianças gostavam, depois do banho de mar, era de construírem na areia os castelos que levavam horas arquitetando para disputarem o prêmio pelo mais bonito.

A bola também era indispensável, a peteca, bete ao ombro, esconde-esconde, caracol e outros brincadeiras como pular corda, cinco marias, etc.

Os Passeios e o cotidiano

Os passeios ao Forte, ao Mirante e ao Farol eram indispensáveis em todas as temporadas. Para as Encantadas o Albino determinava: só levava os maiores. Por ser cansativo, devido à distância e também pelo perigoso nas pedras. Na Ilha das Palmas ele achava imprudência, pois exigia precauções com o mar, vento e maré.

Para irmos às Encantadas era um aprontamento de véspera. Fazíamos um bom farnel, pois só voltávamos à tardinha. Numa das vezes, estávamos em oito ou 10 pessoas ao todo - eram as sobrinhas, sobrinhos, enteados e mais amigos do Albino: Iole, Jurinda, Landa, Lola, Mime e mais os meninos Walter, Albininho, Albari e mais uns amigos. Aconteceu um inesperado susto: A Iole que estava com a cesta dos pastéis, quando passávamos pelo morro do Sabão, escorregou e lá se foram a cesta e a lata cheia de pastéis rolando morro abaixo, mas felizmente ela não se machucou e nem

a lata se abriu; foi uma gozação só.

A caminhada até o Farol ia bem, depois do morro e das pedras, caminhos estreitos até as Prainhas, praia Grande e das Conchas. Era bem cansativo. Havia ainda a passagem da pedra grande, cujo vão estreito usado para evitar a maré alta, passava o magro e o gordo tinha que se sacrificar para passar!

E finalmente chegávamos às Encantadas. Tomávamos nosso banho de mar com muito cuidado e o Albino supervisionava a turma. Depois sentávamos numa pedra grande para o nosso almoço. Com muita alegria, todos participavam das brincadeiras, "contos, piadas e etc." e das fotos, que eram indispensáveis. O Albino sempre atento na maré, pois nas Encantadas são sete rebentações muito fortes. Para entrar na gruta, só quando a maré estivesse baixa; assim corríamos todos até o fundo da gruta e logo voltávamos porque a maré, às vezes vinha de surpresa.

"Contam as histórias" que havia no fundo da gruta um altarzinho com uma Santinha, mas a maré foi entrando fundo e levou tudo.

De volta do passeio, o Albino chegando às Prainhas alugava uma canoa a motor para nos levar até o mar de dentro, hoje Brasília, para evitar a caminhada dos morros até o Farol.

No outro dia era levantar cedo e cada um tinha suas obrigações do dia, como: tirar o lixo e jogar no grande buraco que se fazia na chegada bem longe da casa, no mato; rastelar por volta da casa; arrumar suas camas; varrer os quartos; pôr a mesa para as refeições. Apesar de que sempre tínhamos uma ou duas empregadas, mas na falta delas, todos cooperavam.

O Albino levantava mais cedo às 6 horas e ia ao banho, depois tomava seu chimarrão antes do café, dava umas voltinhas e supervisionava tudo; depois tomava seu café e ia de cestinha pela praia esperar as canoas. Dali ele trazia de tudo para o almoço, peixe, verduras, frutas, etc.

Nos primeiros anos não tínhamos geladeira, depois veio a geladeira a gás. Então tinha que ser tudo bem cuidado e controlado. Antes do banho das 10 horas, o Albino trazia do mato gravetos e uns paus mais grossos que ele cortava, fazendo a lenha para o fogão. O fogão a gás veio muito depois. Assim como a luz. Primeiro foi o Petromax, tínhamos três na sala, copa e cozinha; para os quartos usava-se vela nos castiçais. Com o passar do tempo veio o "liquinho" que favoreceu muito, até a poucos anos. Eu tinha na Ilha ferro de passar roupa à gás, que a filha do Albino, Julinha, trouxe de São Paulo. Foi uma beleza, pois o ferro a brasa dava muito trabalho.

Amigos comerciantes locais

Sr. Odorico – padeiro

Já nesse tempo tinha a padaria do seu Odorico, que entregava em domicílio. As crianças adoravam, vinha quentinho. Éramos sempre de dez a quinze pessoas e nas temporadas de verão muito mais. Seu Odorico era uma pessoa calada, mas sempre pronto para bem servir. Assim, eu preparava muitas tainhas recheadas e mandava prontas para ele assar no seu forno, que ele cuidava bem, até ficar no ponto. No final da temporada vinham formas de cuca com bastante farofa que ele nos presenteava. A "turminha" toda ia agradecer. Isso levou anos, até que por fim ele adoeceu e saiu da Ilha para tratamento de saúde e nunca mais voltou, pois tinha seus familiares em Paranaguá.

Sr. Natálio – carregador de água

O Natálio, nosso carregador de água para beber e cozinhar, trazia na cabeça uma lata de 20 quilos e um balde em cada mão. Vinha da fonte, perto do morro da Fortaleza a mais de um quilômetro. Era de admirar o seu equilíbrio; caladão, atarracado no passo lento cumprimentava todos que encontrava. Morava num ranchinho perto de nossa casa no caminho onde ia buscar a água.

Floripa, sua esposa, era uma criatura franzina e retraída não se entrosava com ninguém, tinha os cabelos sempre em desalinho. Nós gostávamos de puxar conversa com ela que sempre nos respondia laconicamente e ia saindo de perto. Tinham uma filha que se chamava Iracema, trabalhava na casa de um banhista, não soubemos mais do seu destino.

O Natálio, além de aguadeiro, era um bom remador; sempre ajudando no embarque do pessoal da canoa para a lancha e vice-versa. Usava um chapéu de palha afundado na cabeça. Gostava de contar histórias dos mares e da pesca para as crianças, pois ele era um bom pescador e entendia do mar, das marés altas e baixas e dos temporais em alto mar. A turminha de casa sempre ia pedir sugestão ao Natálio para saber se o mar e os ventos estavam favoráveis ou não para os passeios. Era interessante como ele definia bem (pela prática) e com firmeza o que dizia. Para os meus filhos, pequenos ainda, ele até arranjou uma canoa velha para ensiná-los a remar e passar nas ondas, o que os divertia muito.

Quando pescava, sempre vinha nos vender as tainhas e pescadinhas, tudo bem fresquinho. Nas horas de folga via-se o Natálio acocorado na beira do barranco, olhando o mar, fumando seu cigarrinho de palha; principalmen-

te à tardinha para ver os cardumes de peixes e a previsão do tempo.

Cezário e Quinota – comerciantes e donos de pensão

Era o casal tradicional da Ilha, amigos de todos. Começaram sua vida de casados com um pequeno armazém e foram sempre crescendo nesse ramo. Chegaram a tomar conta do Hotel por algum tempo e depois tiveram uma pensão por longos anos.

O Cezário era nativo da Ilha. A Quinota, aliás, Joaquina, era de São Francisco do Sul. Quando o Cezário foi tirar seu tempo no exército em São Francisco, encontrou a sua "Quinota", casaram-se e sempre se deram muito bem e talhados para o mesmo ramo de negócios. A pensão superou e atendia muito bem aos hóspedes e banhistas, o que os levou a organizar uma boa pousada, com refeições, que funciona até os dias de hoje. Ficaram famosas as "cocadas" da Quinota que todos encomendavam e ela quase não vencia!

O filho do casal, Aroldo, agora é quem assumiu a pousada. Ele cresceu na Ilha, estudou em Paranaguá, formando-se em educação física, é também mergulhador. Agora é casado, tem três filhos já adultos e casados e ajudam a atender a pousada na Ilha. Ramona, sua esposa, muito eficiente, assumiu junto com ele a direção da pousada.

Satuca – pescador, remador e comerciante

Outro morador da Ilha bem marcante era o "Satuca", bom pescador e remador forte, ajudava na chegada da lancha quando esta vinha atracar em frente ao hotel devido à maré alta que não dava passagem defronte à Fortaleza. Muitas vezes ele tirava os passageiros no colo para não molhar os pés. Boa criatura.

Ele era casado com a Delfina, tinham filhos e viviam bem na luta do dia a dia. Tinham uma pequena venda onde se encontrava o necessário. A Delfina fazia pão para vender, bolinhos de camarão, cocadas e sonhos, o que ajudava bem nas temporadas. Satuca e Delfina que conviveram muitos anos na Ilha com os banhistas nas temporadas, de 1937 até 1945.

Em frente ao armazém tinha uma cancha de bocha que os banhistas adeptos se reuniam para a disputa de partidas com uma cervejinha bem gelada. O Albino gostava muito desse jogo, não perdia a hora desse encontro com os amigos banhistas que eram os "italianos e alemães". Disputavam as partidas sempre antes do almoço. À tarde, novamente, faziam essa jogada, mas em frente da casa do Senhor Zagonel, que ficava perto da Fortaleza. Era muito animado, tinha até torcida pelas turmas que disputavam na cerveja.

Anos depois Satuca e Delfina mudaram-se para Matinhos, outra praia (no continente) e lá continuaram com um bar e restaurante. Muitos anos se passaram quando soube que Delfina havia falecido e o Satuca continuava lá na sua vidinha de sempre. Seu nome correto, nunca soube, ele não era um meleiro nato, mas adaptou-se muitos anos com os meleiros e deixou saudades.

Moradores antigos e comerciantes

Sr. Diamantino Silva da Cruz

Morador mais antigo da Ilha e meleiro nato, radicou-se na Ilha e está lá até os dias de hoje com sua família muito grande, pois casou-se três vezes. Morava no mar de dentro, hoje mora na Nova Brasília e ainda tem a sua "vendinha" já bem reduzida, mas que favorece o pessoal que chega de lancha. Ele foi muito dinâmico. Tinha os barcos que faziam a travessia e atendia a todos os fregueses com muita precisão. Nas temporadas, o Albino fazia compras lá do que precisávamos e só pagava quando voltávamos, sendo anotado em caderno, o qual nem era conferido devido à confiança de ambos.

Sr. Domingos – agente dos correios e telefone a cabo

Outro morador antigo, que não pode ser esquecido, era o agente do correio. Com sua esposa Dona Dometila, formavam um casal simpático. Lá na casa deles também funcionava o telefone a cabo. Todas as tardes fazíamos um passeio pela praia até o correio, principalmente as moças, que esperavam cartas dos namorados. Quando nada vinha, e quem lhe perguntava "cadê as cartas", seu Domingos respondia sorridente, "estão escrevendo, amanhã chega", e assim passavam os dias e sempre chegavam às prometidas.

A correspondência vinha por malote pela canoa do Forte, a Parayba, que trazia de Paranaguá também mantimentos e outros pedidos. Era uma canoa grande a motor que fazia essa linha para atender às necessidades do Forte, além de atender aos banhistas e aos soldados nos dias de suas folgas, levando-os até Paranaguá.

Seu Domingos e Dona Domitila tinham um filho chamado Dioniso que era mestre da lancha "Ilha do Mel" que também atendia aos pedidos dos banhistas de compras em Paranaguá.

Festas na Ilha

Lembro as festinhas na Igrejinha, que aconteciam sempre no mês de julho, quando todos os banhistas estavam aproveitando as férias escolares

dos filhos. Era muito concorrida e bem animada. O padre vinha de Paranaguá e hospedava-se na casa do Sr. Pedro Zagonel e sua esposa Dona Rosinha. Eles cuidavam de tudo na ocasião das festas e zelavam pela Igreja. Todos levavam prendas para o leilão, que era muito animado e quem gritava o leilão era seu genro. O lucro ficava para beneficiar as benfeitorias que sempre precisava.

Seu Zagonel, madeireiro forte em Curitiba, foi quem forneceu toda a madeira para a construção dessa Igrejinha. O padre fazia batizados, casamentos e rezava as missas da festa. Faziam-se as novenas, à tarde, antes da maré subir para que todos pudessem ir. Rezava-se o terço com cânticos e todos iam levando as prendas para o dia da festa. Tinha churrasco, bebidas, doces e bolos. Vinham lanchas e canoas de toda a redondeza. Era de fato um dia de festa na Ilha.

"Dona Lilinha"

Minha mãe é: minha referência e minha estrutura. É nela que busco todas as perguntas e respostas até hoje na minha vida. E é impressionante como o cenário da Ilha do Mel tem a ver com a minha formação... Nasci no mês de abril e no mês de junho já estava na Ilha. Ficávamos dois meses no inverno e quatro meses no verão. Esse conviver com a natureza, com o mar e com a minha mãe construíram toda a minha força interior ancorados no poder divino e na música.

Quantas vezes, minhas primas e eu levávamos nossos lencinhos e nossas cadeirinhas para a sacada da casa da Ilha para escutarmos as incríveis histórias da "Dona Lilinha". Riamos, chorávamos e sem dúvida sabíamos todos os episódios da sua seqüência. Todos os anos eram os mesmos, as mesmas cenas das lembranças da vida da Dona Heloína, os amores, os cantos, a vida em Piraquara, Curitiba e as fugas para Paranaguá.

Também havia as regras da casa que não havia como driblá-las. Eram específicas para meninos e meninas que cumpríamos religiosamente para podermos tomar nossos banhos de mar e participar do vôlei na frente do hotel. Os passeios também dependiam da idade de cada, cinco anos podíamos ir ao Forte, com dez anos ao Farol, com 15 as Encantadas e com vinte a Ilha das Palmas. Todas as tardes tínhamos quer ler livros, duas horas de leitura diárias – das 13h30 às 15h30 - e ainda contá-las a minha mãe.

De 1937 a 1996... 60 anos depois:

Mudou muito o ritmo para as temporadas na Ilha do Mel. Já nos meus oitenta anos, com muita vivência, posso afirmar por quantos lá passaram

alegrando nossos dias de férias com prazer, meus filhos, enteados, netos, sobrinhos e amigos. Meus filhos casaram e enteados também, o que forçosamente foi modificando os nossos encontros de temporadas nesse prazer.

Na Ilha do Mel, nossa família compartilhou e registrou a grandeza dessa bela natureza que muito marcou a todos, com saudades e boas recordações. São muitas lembranças, que me fazem feliz, recordando sentada neste terraço, olhando para o mar, vendo as ondas no vai e vem deixando a sua branca espuma na praia... No céu azul passam gaivotas em bandos, piando, cantando... levando consigo no voar sereno as minhas recordações desta tão querida Ilha do Mel.

Heloína Ribeiro de Souza
Curitiba, 25 de junho de 1996

RUTH DE SOUZA GUIMARÃES FERREIRA

Frequentei a Ilha desde menina. E era uma grande expectativa, um momento muito esperado. A gente esperava o tio Albino dizer o dia que ia, porque ele consultava o almanaque do pensamento. Se o dia não era bom, esperava o melhor dia.

Quando chegávamos na Ilha ficávamos muito felizes e quando chegava o final das férias dava uma tristeza, porque tinha que voltar! No último dia, seis horas da manhã, o último banho de mar, junto com o tio Albino, ainda estava escuro. Tomar o banho de mar era uma coisa de louco, não tinha água e não tinha luz, mas aquilo era uma delícia.

A ida e as instalações na Ilha

A partida de Curitiba era assim: de trem até Paranaguá. As tralhas e a comida não era brincadeira! O carregador "número 1" levava na barca, enquanto a gente ia almoçar no Hotel Fonseca, onde tinha um garçom que trazia o feijão com o dedão dentro da travessa. Depois não íamos mais para o Hotel, seguíamos direto para lancha, comia-se por lá mesmo.

Na ilha descia em frente ao Hotel, da lancha para a canoa do Satuca que levava até a praia. Chegando na praia já se organizava tudo. Levava as coisas para casa. A comida, tipo folhas que não duravam e cenoura, fazia-se um buraquinho na areia e enfiava a com os galhinhos para não murcharem. Leite não tinha, então era muito leite condensado, que dissolvia na

água.

Na casa do tio Albino tinha café da manhã, almoço, lanche, janta e, à noite, chá com umas bolachinhas. Quando a gente ia para o Hotel dançar ou se reunir, ele deixava um chazinho do ladinho da chapa de fogão de lenha, que também servia para quem ficava no carteado no quartinho de cima.

Com o tio Albino tinha em torno de 24 pessoas, e na mesa sentava de acordo com a idade de cada um. Começava tio Albino na cabeceira, sempre a mulher à direita e um nenê sempre ou era Cloris ou o Álvaro. Quando chegava um primo mais velho era alterado.

Os passeios

Os passeios eram no Farol, Encantadas, lá em cima da Fortaleza e Mar de Dentro. O tio Albino ia sempre, mas ele era meio apressadinho. Quando chegava no local, ele não deixava ir muito no fundo, dizia que tinha sete arrebentações e que tinha que tomar banho antes disso.

Como ele gostava de café, nós fazíamos e ele tomava devagarzinho. Acabado o "lanche", íamos embora. Íamos até o Mar de Dentro de carona e depois a pé para as Encantadas. Na volta, pegava carona até o Mar de Dentro, descia no Diamantino, que hoje é nova Brasília. Dali a gente seguia até a praia da Fortaleza. O pessoal usava uns cajados para andar, fazia como uma bengalinha. Eu tinha a minha, que fazia uns desenhos no cabo. Cada um fazia o seu.

Tudo era tão bom, passear nas Encantadas, voltar pelo Mar de Dentro, a pressa do tio Albino para voltar logo... Uma vez levávamos uma porção de pastel numa lata para o nosso lanche. Derrubaram a lata, que rolou pelo Morro do Sabão. A lata não abriu, o pastel ficou meio arrebentado, mas deu para comer. Quando eu lembro e me dá saudade!

Brincadeiras e diversões

Depois que almoçávamos, o tio Albino ia descansar. E a gente ia passear até quase a Nova Brasília e voltava, para não fazer muito barulho. Depois que ele levantava e tomava o café ia jogar bocha, um jogo italiano, com bola de madeira. Ele jogava todo dia.

Tinha também o baile no clube onde soltavam foguete. Depois o Clube caiu, tudo apodreceu, ninguém consertou. Íamos lá, dançávamos um pouquinho, até dez e meia, ou ia lá só pra conversar, jogar conversa fora. Outra coisa que se fazia muito era jogar vôlei.

Havia o passeio na Fortaleza, até a parte de cima, onde tem os canhões.

Em julho tem a festa da Padroeira. Puxamos muito o andor de Santo Antônio, para casar. Ele saia da capela em frente à Fortaleza, subia o moro e depois descia.

Nós, quando mocinhas, tínhamos os namorados. Quando chegava a canoa de Paranaguá e vinha a mala do correio, a gente corria e perguntava para seu Domingos, o homem do correio: “Chegou para mim?” Deixava seu Domingos quase louco. Ele: “Calma, estou procurando os óculos!” E ele estava com os óculos em cima da cabeça...

Nós íamos muito, também, na dona Quinota jogar conversa fora, brincar e comer a famosa cocadinha.

Alimentação e outros freqüentadores da Ilha

O tio Albino não deixava pescador voltar sem ele comprar alguma coisa. Então, sem geladeira e sem luz, era camarão no café, no almoço e no jantar. Era bolinho de camarão, camarão ensopado, camarão frito...

Lembro que também freqüentavam a Ilha nas temporadas os Galli, Strobel, Hauer, Jonsher e os alemães, que não lembro como se chamavam.

Texto baseado no depoimento de Ruth de Souza Guimarães Ferreira, 77 anos.

WALTER JOSÉ DE SOUZA

A Ilha do Mel, para nós que éramos crianças, era uma coisa realmente muito aguardada. Saíamos de Piraquara de trem até Paranaguá. Normalmente almoçávamos lá e depois pegávamos uma barca para a Ilha do Mel. Era uma expectativa muito grande. Eu sou da época do trapiche e do caminhão, que ficava onde era o mirante.

Antigamente existia outro trapiche no Farol. Neste eu nunca cheguei porque já estava destruído. Muitas vezes desciam em frente ao Hotel, quando o mar estava calmo. A gente chegava em uma lancha grande, desembarcava numa canoa e encostava na praia. O caminhão foi posterior.

Atrás do morro da Fortaleza passava uma estrada muito precária, e o caminhão era simples, com carroceria de madeira, mas quebrava o galho. A Ilha do Mel tem para nós um sentido diferente porque tem muita recordação de infância, de amigos e de família. Lá nós tivemos lá momentos muito agradáveis. Depois de mais velhos, passamos a ir para lá só para

passar finais de semana com amigos.

A estrutura e o cotidiano na Ilha

Até hoje eu me admiro como se organizava aquilo tudo. Era impressionante, sem estrutura nenhuma. Não tinha geladeira, a comida tinha que ser consumida logo. Os pescadores vendiam peixe e camarão diariamente. Todo dia se comia peixe e camarão numa fartura muito grande. Quando chovia a comida mudava, eram carnes conservadas na banha. Reunir numa casa vinte pessoas ou mais, sem ter estrutura nenhuma, é de se admirar muito.

Tem algumas coisas que a gente não esquece. Primeiro a água que era muito escassa, sempre foi muito escassa. Então a gente tomava banho de mar, e normalmente lavava o só pé e olhe lá. Nada mais que isso. E, talvez a cada quinze dias, a mãe da Cloris, a tia Lininha nos pegava com sabão de coco, lavando desde a cabeça, com uma força... Aquilo era um terror! Eram só dois banhos por temporada. E a gente ficava por lá, andava descalço no chão e jogava bola.

Tínhamos um único horário que era realmente sagrado. Era após o almoço, quando o tio Albino dormia. Era a lei do silêncio na casa! Terminava de almoçar, até as três horas ninguém podia fazer barulho, porque ele estava descansando. E também tínhamos nossas obrigações normais, cotidianas, que eram varrer e jogar o lixo. Nestas coisas todo mundo cooperava, pois em uma casa com tanta gente, tinha que haver uma cooperação muito grande.

Costumava-se acordar cedo, tomar o café da manhã, ir para praia e depois vir almoçar, sempre com peixe e camarão.

Lembranças da Ilha

Lembro uma vez que a barca enguiçou no meio da baia de Paranaguá e ficamos um bom tempo parados, não conseguiam fazer a barca funcionar. Mas felizmente conseguiram resolver o problema do motor e fomos embora. Era uma dessas barcas maiores que encostava na estação de rádio da Marinha e dali pegávamos o caminhão que dava essa volta.

Outra coisa interessante era o clube ao lado do Hotel, onde se dançava. Era uma atividade para toda idade, era muito familiar. Lá nós dançávamos com as primas e irmãs. Era uma forma de aprendizado muito agradável.

A Ilha do Mel para nós era também jogo de bocha e havia ainda os passeios. Um passeio muito interessante era até as Encantadas. Todos iam pela praia, caminhando, levando pastel e um monte de coisas que era o que

se comia lá. Era um piquenique. Subia o Morro do Sabão caminhando até lá. Naquela época atravessava para o outro lado, onde hoje atracam os barcos. Ali só existiam pescadores, e um deles, que morava lá, tinha uma canoa bastante grande então todos nós subíamos nessa canoa e ele remava até o seu Diamantino, onde é hoje Nova Brasília. Esse era o percurso mais "light".

Com outros barcos íamos para outras partes da Ilha, para Ilha das Palmas, Superagüi.

A época da guerra, as localidades e moradores

A Ilha do Mel sofreu um grande impacto com a guerra e depois dela. Na época, os alemães e os italianos foram proibidos de ir pra Ilha do Mel, e com isso muitas casas ficaram abandonadas. Algumas delas foram ocupadas pelo exército, gerando um impacto em muitas famílias.

Depois algumas famílias continuaram, mas gradualmente foram mudando. Onde hoje é a Nova Brasília existia só a casa da praticagem. A partir daí a população da Ilha começou a crescer, o lado do Farol começou a desenvolver e a parte da Fortaleza parou começando a decair. Hoje está um pouco mais revitalizada, com as pousadas existentes.

A Ilha tinha algumas coisas pitorescas dos moradores locais. O Tércio, ele se julgava nosso parente, porque a minha avó batizou ele. A avó Sinhaca, mãe de minha mãe, que foi para ilha algumas vezes. Tinham várias figuras assim.

A dona Quinota, que tinha uma espécie de uma venda, fazia uma coisa que todo mundo gostava; era uma cocada que ela estendia sobre a mesa e depois cortava em losangos. De vez em quando ela tinha gosto de querosene. Como não existia luz elétrica na Ilha, eles acendiam aqueles lampiões na mesa onde ela espalhava a cocada. Eles tinham que abastecer aqueles lampiões Petromax, que tinham uma bombinha, e por ali vazava o querosene na mesa. Na hora de espalhar a cocada elas, às vezes, vinham com aquele gostinho de querosene que era uma delícia!

A Fortaleza era um local para passear, não era um local de brincar.

Lembro das fontes que existiam no morro, conheci todas. Tinha um caminho de acesso, era uma fonte com pedras em volta, e a água que se usava, vinha de lá. Havia umas senhoras que carregavam a água na cabeça, uma lata de vinte litros. Colocavam na cabeça e levavam, se pagava por lata. Era uma água boa, ótima, hoje não sei se a fonte ainda existe.

Mais tarde furamos um poço, que esta lá até hoje, há um resto dele lá,

para tentar tirar a água, mas saiu avermelhada e não serviu para cozinhar, só para tomar banho.

Uma curiosidade dos tempos que passávamos lá era a mesa das refeições, que também servia para o jogo de baralho, à noite. A cabeceira da mesa era dos adultos, as crianças ficavam na outra ponta; à medida que você ia crescendo, ia sendo promovido. Um dia fomos convidados para participar do jogo principal, o que foi uma glória. Era escopa, nem lembro mais como se joga. Eu e o Albari, malandros, descobrimos um jeito de fazer sinal de um para o outro, e ganhávamos o jogo. Mas logo descobriram, fomos rebaixados e voltamos para a outra ponta da mesa.

Texto baseado no depoimento de Walter José Fonseca de Souza, 71 anos.

Família Iversen



Banhistas em frente ao Hotel Ilha do Mel



Amigas e família Iversen na Praia da Fortaleza



Mãe, avô em pé e Eveli Iversen no colo, na Praia da Fortaleza

Mãe de Eveli Iversen (Nair Basset Iversen) e amigas embarcadas em uma canoa - Praia do Farol





Trapiche, ao fundo farol da Ponta do Cassual e caminhão "ônibus" do Clube Hotel Ilha do Mel

EVELI MARIA IVERSEM

Lembro e tenho fotografias de quando vinha para Ilha; fiz seis meses de idade na Ilha do Mel e continuei vindo todos os anos até mais ou menos 1960. Depois parei por um período, porque a casa era do meu bisavô, e depois do meu avô, e tinha muita gente que freqüentava e ela precisava ser arrumada. Só voltei quando minha avó passou para o meu nome o direito de uso da propriedade, isso foi mais ou menos em 1972 ou 73, mais ou menos. Assim comecei a vir para cá sistematicamente e, desde então, nem apareço no meu apartamento de Caiobá; é direto para Ilha.

Os meus bisavós e avós vinham para Ilha e começaram a trazer a família. Construíram uma casa em 1921, tenho até um desenho da casa em pergaminho. Meus pais, Albano Iversem e Nair Basseti Iversem também vinham sempre, namoraram aqui na Ilha do Mel ente 1936/37.

Eles se conheceram na Ilha do Mel, foi um namoro de litoral. Dizem que amor de praia não sobe a serra, mas com meus pais deu certo. Naquela época não se comprava casa, se pedia para o governo federal, para o Serviço de Patrimônio da União o direito de uso de uma determinada área, e ali se construía a propriedade. Minha casa é sombra da Fortaleza. Eles pediram a 500 metros da Fortaleza, por isso não podia construir nada de alvenaria, porque em caso de emergência tinha que derrubar tudo. Na época da guerra minha casa foi ocupada, teve uma família que morou ali durante toda a época da Segunda Guerra.

Esse direito de uso é que permanece até hoje. Vai e vem governos, fazem leis diferenciadas, e a gente nunca sabe se é proprietário ou não. Eu sempre digo que tenho direito de uso deste pedaço da Ilha do Mel.

Minha família participou da formação do Cube Ilha do Mel. Meu avô fazia parte e não sei quantos alemães e italianos. Eles chamavam Associação de Banhistas. O Hotel Balneário IIha do Mel foi formado por essas pessoas, estrangeiros em geral, que se reuniram e formaram o hotel e o clube que ficava ao lado. Eu tenho, em Curitiba, um jornal antigo, acho que de 1928, impresso em Paranaguá, se não me engano, onde tem todas as notícias da Ilha do Mel da época. Ele circulava aqui na Ilha, é bem interessante.

Os preparativos, a viagem e a chegada à Ilha

Quando eu era criança havia muita ansiedade com os preparativos antes

de ir para lá. Eu lembro que minha mãe tinha aquelas malas grandonas, eram de couro, e ela deixava a mala aberta um mês antes e ia pondo ali as roupas bem passadinhas. Antigamente eram todas muito perfumadas, colocavam alfazema no meio, ficava aquele cheirinho de roupa limpa. Para mim era uma tentação ver aquela mala, na expectativa que dali a poucos dias a gente a estaria fechando e indo para Ilha do Mel. Era uma delícia. Na minha época de criança meu pai já tinha um carrinho, a gente ia de carro, mas a bagagem toda era despachada por trem.

Meu pai nos deixava na estação ali na linha de embarque de Paranaguá, na frente do Rio Itiberê, de onde até hoje saem os barcos. Ele seguia para estação ferroviária apanhar a nossa bagagem e toda a comida, inclusive. Tudo vinha numa carrocinha. Aí a gente pegava o barco para a Ilha do Mel.

O barco era da associação do Hotel. Ele saia às 11 horas da manhã de Paranaguá e chegava mais ou menos entre duas e meia, três horas. Era um barco grande. Era ótimo porque tinha dois andares em toda a volta, a criançada adorava aquilo.

Quando o barco passava na frente da Ilha das Cobras, onde hoje é residência do Governador mas na época era uma colônia penal, tocava um sino o tempo todo. Era para alertar e evitar que os presos fugissem nadando e chegassem até o barco. Era bem interessante.

Depois o barco chegava no trapiche do Casual, desembarcavam para subir no caminhão que não tinha freio e gente apelidou de disco voador. Quando a gente tinha de descer, dizíamos: “Olha, a próxima parada é na casa dos Iversen”. Aí o caminhão vinha e encalhava na areia fofa; todos desciam, com bagagem e tudo, para ajudar a empurrar e sair da areia.

Na maré cheia tinha uma estrada alternativa que o caminhão pegava, ela circundava o morro da Fortaleza, porque vinha pela praia até mais ou menos onde estava localizada a Igreja, ali entrava. Receio que ainda esteja meio aberta, pois tenho um filho que é biólogo e de vez em quando ele anda por ali e diz: achei a trilha do caminhão!

Eu tenho uma poesia de 1921 escrita por João Zailer, avô de uma amiga minha. Ele vinha de barco e ia descrevendo a ilha das Palmas.

As fontes de água

Existem três fontes de água aqui na região. Uma é a do Rio Vermelho, foi horrível o que fizeram porque fecharam toda ela, não tem mais acesso. As casas, por causa do avanço do mar, foram levadas mais para trás e a gente

quase não chega. Mas essa segunda, que tem aqui atrás, é muito bonita é toda de pedra. É na encosta do morro. A gente passa por uma pinguela para chegar na fonte. Acho que essa pinguela até existe porque meu filho esteve lá no ano passado e disse que tinha passado pela pinguela da fonte, que eu sempre falava.

Na época tinha que buscar a água ou comprar dos nativos. Morava aqui atrás, onde hoje é a pousada Pedra da Baleia, uma senhora chamada Flora, que era amiga de minha avó. Ela trazia água em latas de querosene – parece que era Jacaré a marca do querosene-, e vendia. Eu me lembro que minha mãe todo dia comprava três latas dessas e fervia para cozinha, para tudo.

O banho diário era no mar, uma vez por semana esquentava um pouco desta água da lata e a gente lavava o cabelo. A gente passava muito bem, ninguém morreu, ficava numa ótima!

Alimentos

Em casa vinha muita carne seca, não dentro da banha E eu lembro muito bem, em cima do fogão a lenha, a minha avó pendurava uma cordinha e colocava as carnes secas ali, era uma delícia. Traziam muita lataria, que era o que existia na época.

Frutas e verduras vinham pelas canoas, eram trazidas da Ilha das Peças. Tinha muita canoa que vinha de lá, e o interessante é que quando elas chegavam, como as casas eram bem à beira mar, corria uma pessoa de cada casa, quem chegava antes pegava a melhor fruta.

Uma lembrança boa que eu tenho é acordar com os nativos dizendo: olha o camarão! E o camarão pulava dentro do cesto. Era bem fresco. Meu pai fez um filme em Super 8 em que meu irmão, que devia ter uns dois anos, segurava duas lagostas, uma em cada mão. As lagostas são quase maiores do que ele!

Havia muita amizade entre as pessoas que ficavam na Ilha, entre as famílias. Nós temos amigos de infância que continuam até hoje, continuamos nos dando bem e nos encontrando.

Os Passeios

A ida para Encantadas, que hoje é tão fácil, parecia como se fosse uma viagem para Europa, porque se ia uma vez por ano durante as férias. Então se levava farnel, levava-se macarrão para fazer lá, era um acontecimento! Ia a família inteira. A volta era muitas vezes a pé, pelo Mar de Dentro, ou pelas praias de fora.

Para o Mar de Dentro, local por onde hoje a gente chega, se costumava fazer umas três ou quatro vezes durante as férias. Uma trilha linda, que ainda tem. Começa após as casas de Brasília e segue pela parte mais larga da ilha. Porque a Ilha é como se fosse uma baleia, entra na trilha que corta o meio e chega no Mar de Dentro.

Havia uma tradição de fazer uns cajados para caminhar. Os namorados faziam para gente. Pegavam galhos de árvore, os mais retos possíveis. Não descascavam, e escreviam os nomes, faziam decorações, era muito bonito. Houve uma época em que foi assim, alguma coisa fantástica! Não foi sonho, e nem eu estou fora da realidade. Foi real, as pessoas que vinham pra cá gostavam de vir e se adaptavam ao ambiente bastante "chão chão terra terra" que existe aqui. E vinham porque gostavam. Então se transformava num ambiente muito simpático, muito gostoso.

A ilha e os navios

A sensação da Ilha do Mel eram os Navios entrando por aqui. Eu lembro que meu avô me fazia sentar nos joelhos dele e me contava as histórias da Ilha. Ele contou que no canal Norte tem dois naufrágios. Um eu lembro muito bem o nome do navio, que era Maria Matarazo. O outro não sei, porque tinha muito navio que entrava pelo canal Norte. E aqui na frente tem um canal com o leito todo de pedra. Como era um canal bastante anguloso, eles tinham que pegar os práticos que moravam aqui. Eles passavam apitando e com o navio todo iluminado, era muito bonito! Vinham vários tipos de navios. Muitas vezes, ainda de madrugada nós saíamos correndo para ver os navios que passavam.

Os nativos

Satuca - tinha alguma coisa a ver com Severino ou Setembrino, José ou alguma coisa assim... Ele tinha uma canoa daquelas feitas com árvore. Era ele que tirava a gente da lancha e colocava na areia. Morava atrás da Pousada da Baleia, tinha uma vendinha e tudo que a gente precisava de emergência ele tinha para vender; tipo leite condensado ou em pó.

Havia o Tércio, que ficou cego. Outro, bem meu amigo, chamado Chimbica, um tipo assim bem típico, que morava no final da vida dele com o Tércio, cuidando dele. Quando eu era bem pequena jogava futebol na praia com todo esse pessoal.

Uma vez apareceu uma cobra grande, uma caninana e eu pensei: "E agora, o que eu faço com as minhas crianças pequenas?" Pedi para menina que me ajudava: "Corra para praia e o primeiro homem que passar você

peça pra ele subir e me ajudar a pegar a cobra". Ela foi e voltou com o Chimbica. Eu disse: "Chimbica, me ajude, olha o tamanho dessa cobra!" E ele disse: "Ah dona Eveli, eu não posso fazer nada". Eu disse: "Chimbica, você não vai fazer nada porque não quer machucar o bichinho ou porque tem medo?" Aí ele me disse: "Os dois". E foi embora. E a cobra também foi embora.

A Fortaleza

Um dos pontos altos daqui era a Procissão de Nossa Senhora dos Prazeres. A gente saía da capelinha com os andores todos e subia, por dentro da Fortaleza, fazia uma volta lá no pátio de cima e voltava para a capelinha.

Já vi a Fortaleza muito bem cuidada, já vi com tanto mato que quando limparam, mataram 16 cobras jararacas só naquele pedacinho ali de cima, e vi a Fortaleza agora do jeito que está. Quando a vi pintada de branco pensei que era um navio que tinha encalhado. Já fiz parte de uma associação chamada Saint'Hilaire, que era para cuidar da Fortaleza. Daí pintaram as pedras da Fortaleza de cor de rosa, um espanto! Eu caí fora.

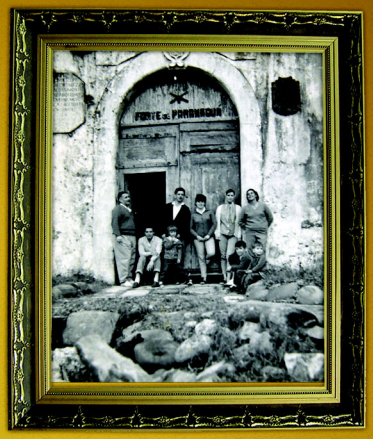
Já vi várias fases da Fortaleza e sempre torci muito para que fosse sempre bem cuidada. Acho que se tivesse alguém para morar, que tivesse carinho por aquilo, que não deixasse o turista ir lá rabiscar... Já a vi toda rabiscada com vários nomes escritos. Hoje está bem cuidada, com aqueles cartazes. Acho que ali tinha que ter mesmo um centro cultural da Ilha.

Texto baseado no depoimento de Eveli Maria Iversen, 70 anos.

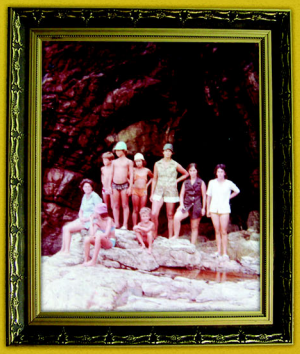
Família Galli



Procissão da Festa da Capela de Nossa Senhora dos Prazeres



Pessoas em frente ao Portal da Fortaleza



Família de banhistas em frente à Fortaleza



Família Galli e amigos, Gruta de Encantadas



Pessoas no interior da Fortaleza

Família Galli e amigos em frente a parede da Fortaleza



GIL JOSÉ GALLI

Minha família foi bastante envolvida com a praia da Fortaleza nas décadas de 30 e 40. Agora já é a quinta geração que freqüenta a Ilha.

Não sei precisar, mas minha família começou a ir para a Ilha mais ou menos em 1912, 1915. Os meus avós, por parte de pais, eram imigrantes. Conheceram-se na viagem, vieram em 1890 dentro da programação do governo brasileiro e o destino deles era o Paraná. Os imigrantes chegavam em Morretes e Antonina no porto. Como eles não gostaram de lá, então subiram a serra e se instalaram na região de Piraquara, próximo de Curitiba.

Meus avós por parte de pai freqüentavam a Praia da Fortaleza, eles tinham uma casa que foi construída pelo meu avô. Meu outro avô, que trabalhava com beneficiamento e exportação de madeira, serrou as tábuas todas na medida e preparou os vigamentos, como se fosse uma casa pré fabricada, numerou em algarismo romano que está lá até hoje, e montou a casa. Imagina a dificuldade que foi para o transporte. A casa tem quase 90 anos, é de imbuia de meia polegada.

A ocupação aqui vem de pai para filho. Depois que o Estado determinou a área do tombamento e todos os terrenos aqui foram marcados, são todos de mais ou menos 15 de frente, por 35 de fundo. Alguns tem mais o terreno da União com 700 ou 900 metros quadrados, é área legalizada junto a União. Mas tem muitas propriedades que tem o título de ocupação da União e outros concedidos, como eu por exemplo; tenho a propriedade que era de um sargento da Fortaleza. Era com uma meia água. E agora está com a demarcação e o tombamento, e a gente sente que tem muitas dificuldades. Nós da Fortaleza, que se não me engano são 52 proprietários, não tivemos o problema do agente multiplicador que era o caiçara, o nativo, que se intitulou na época como o dono da ilha, e dividia para cada filho uma parte do terreno. Eles fizeram muito comércio disto em Brasília e nas Encantadas, vendendo até por 10 mil dólares. E davam um jeito e legalizar. Mas nós aqui da Fortaleza não tivemos esse tipo de comércio, aqui já vem de pai para filho.

Na época, os mais ricos, vinham para cá e chegavam a trazer até carro. A dificuldade na Ilha era o transporte marítimo, porque não tinham os motores que tem hoje, era uma odisséia. Eles vinham para cá nas tempora-

das, principalmente no inverno. Não havia esse negócio de fim de semana, dada a dificuldade. Vinham e ficavam um mês. Depois em dezembro e nas férias escolares também.

A gente descia para a Ilha com a Maria Fumaça. Ficávamos contando os dias, era uma ansiedade muito grande. Porque o trem saía às sete horas da manhã, então a gente ia cedo para a estação ferroviária. Íamos para lá de táxi, levávamos caixas de mantimento. Tinha que se trazer de tudo, porque não existiam essas vendas, só alguma coisinha para vender pinga de caboclo.

Alimentação na Ilha

Nós tínhamos uma chácara, então lembro bem que a carne de porco era frita e depois completada com banha, para conservação. Porque não existia geladeira. Quando muito, no hotel, no começo vinham barras de gelo de Paranaguá e eram colocadas naquelas geladeiras toda de madeira, revestida com latão por dentro, com furinhos embaixo. Colocava a barra de gelo ali e as gotículas caíam em cima da bebida, uma relíquia.

A conservação de alimentos era muito precária, só existiam os salgados que podiam trazer: charque, carne seca, salame, etc. Quando muito, a conservação era feita com uma caixa bem fechada na frente, onde eram colocados a manteiga, o queijo, para não termos problemas com moscas. Era essa a maneira de conservar.

Abastecimento de água

A água era levada nas casas transportada por mulas, das fontes, do morro perto do Forte. Era fornecida pelos nativos. Os pescadores descobriram um meio de ganhar a sua vida.

Para o banho diário, minha mãe enfiava todos debaixo d'água, tinha aquele chuveiro de campanha. Até bem pouco tempo ainda existia um aqui em casa. Uma roldana baixava o chuveiro e colocava a água ali, abria e fechava, ali mesmo já se fazia a mistura de água quente, fervida no fogão, com a água fria. Levantava e tomava um banho.

Diversões e brincadeiras e a época da Guerra

Havia uma igrejinha depois da Fortaleza. E como nós somos religiosos, na época íamos com nossos pais nas novenas que havia na época. Depois que o padre rezava a missa tinha a procissão com a santinha, Nossa Senhora dos Prazeres, que fazia um percurso entrando dentro da Fortaleza subindo o morro e depois descendo para a igreja.

As brincadeiras eram fazer castelinhos, sair para caçar, pescaria dentro

do rio Carazinho, sair de canoa, brincar com barco...

Em outra fase, a do clube, que era mais tradicional, soltavam os foguetes, avisando a comunidade para a festa. Vinham pessoas de fora que faziam show. E os bailes que faziam na semana eram o encontro de duas colônias dissidentes de italianos e alemães. Tanto é que, no período da Guerra, nós, como éramos descendentes de italianos, éramos muito visados. Tanto os italianos como os alemães. Foi o período que nós ficamos afastados daqui. Também porque o exército resolveu ocupar as casas, ficamos um período sem freqüentar.

Quando o Brasil entrou em guerra, em seguida veio uma guarnição do exército para cá, com canhões e equipamento antiaéreo, holofotes que alcançavam lá no Farol. Não podíamos vir para Ilha. Depois da guerra o exército, em seguida, liberou o balneário, mas entregou as casas, infelizmente, bem estragadas.

Nesse período de guerra algumas pessoas iam pra outras praias, como Matinhos, Guaratuba, onde chegavam por terra. Mas a maioria que retornou à Ilha se manteve aqui. Até o período de 59/60 por aí, quando ainda havia a lancha aqui do balneário, que era de dois andares, com capacidade para 100 passageiros e que fazia o trajeto Paranaguá/Radio Farol. O pessoal daqui fez um trapiche, que era onde a gente descia, e também havia uma estrada que passava aqui por trás do morro.

A lancha, acidentalmente após um vendaval, foi parar na praia e os marinheiros não conseguiram tirar, ela afundou ali. E com isto ficamos sem o transporte básico.

O transporte na Ilha

A lancha era da sociedade, do clube hotel, que havia sido recuperada. Nós fazíamos em uma hora e meia de Paranaguá até o Rádio Farol. Era muito boa, aí ficamos sem esse conforto. E mesmo assim as famílias vinham pra cá. Apareceram alguns barcos que faziam frete para ilha, e assim foram estabelecendo o transporte. A praticagem na época ficava lá no Farol e a lancha dos práticos fazia ponto lá. Ela levava e trazia o prático, e muitas vezes nos davam carona. Isso ajudou muito, mas normalmente as famílias tradicionais alugavam um barco, traziam tudo para cá, aí na saída também alugavam outro barco para levar de volta à Paranaguá.

Eu dirigi aquele caminhão que transportava o pessoal na ilha. Já estava habilitado na época e, às vezes, não tinha motorista e meu pai, Emílio Galli, e eu, que estávamos comandando o hotel. Ele tinha confiança e me man-

dava buscar os passageiros lá no mirante lá pelas três horas, mais ou menos, pois às três e meia chegava a lancha. Eu encostava lá e o pessoal subia; tinha os funcionários que carregavam a bagagem do pessoal. Aí, se a maré estava em cima que não dava para passar pela fortaleza, eu vinha pela estrada. Se estava baixa eu vinha pela praia. Às vezes fazia duas viagens, quando tinha muita bagagem.

Muitos achavam engraçado quando ele quebrava e as pessoas que vinham a pé ultrapassavam as que vinham no caminhãozinho, o que não era muito comum. Era muito difícil, mas era o nosso transporte. Depois começou a se fazer esse transporte via Pontal do Sul. A gente usava o trapiche de lá, mas o transporte era feito numa carrocinha, até a mula dessa carrocinha era do exército, e quando o exército saiu, tentou embarcar a mula e não conseguiu. Deixaram ela por aí. Ela vinha por aqui pastava e voltava sozinha.

O Hotel

Na primeira fase o Hotel foi de madeira, depois pegou fogo. Mas o grupo de sócios, meu pai e outros de tradição, resolveram reconstruir esse Hotel. Aí fizeram aqui, praticamente como está, e formalizaram um documento para não ser vendido, pensando em preservar a sociedade. Em última instância, se fosse vendido o produto da venda teria que ser doado para a Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá. Porque assim os sócios, se vendessem, não receberiam por isso.

Era do grupo de associados, mas teve uma fase que eles arrendaram para a religião metodista e eles ficaram instalados no Hotel. Só que a religiosidade deles não permitia bebida alcoólica de espécie alguma, então quando chegava hóspede ou cliente e pedia uma batida ou uma cerveja, não tinha. Eles ficaram só dois anos e depois entregaram o Hotel novamente pra sociedade.

Posteriormente teve mais um período em que outros sócios, que tinham outras ocupações em Curitiba, não quiseram mais se dedicar ao clube, e voltamos a ficar com o Hotel. Mas já estava estabelecido o transporte via Pontal, não tinha mais essa linha, o trapiche não existia mais, o desembarque era muito precário. Os visitantes desciam na água. A gente tinha os hóspedes certos, fregueses de temporada, que marcavam reserva para Páscoa, para o carnaval, para julho. O Hotel era muito conhecido em Curitiba, além da beleza da Ilha, a alimentação era muito boa. A mamãe era ótima cozinheira, se chamava Rosa Pereira Galli. As pessoas gostavam muito e

como eram famílias que freqüentavam, eram assíduos aqui, por muitos anos.

Mas chegou num ponto em que ninguém queria tocar e o prédio precisava de reparos. Eu, minha mãe e meu pai, com nossos compromissos em Curitiba, resolvemos em comum acordo vender o Hotel. E eu vendi esse Hotel para o meu primo, que era deputado federal. Eu pensei: agora com um deputado aqui vai ser uma maravilha. Mas só que ele começou a mudar o Hotel, que tinha aquele estilo normando. No andar de cima o teto ficava muito baixo nos quartos e ele levantou o pé direito e instalou banheiros em cima e em baixo, melhorando a condição do Hotel. Mas foi um romance. A marinha interditou, porque eu me lembro muito bem, houve uma pequena alteração na estrutura visual do hotel, e como as cartas náuticas são baseadas em ponto de destaque, caso do Hotel, Fortaleza, etc. A Marinha interditou por causa da pequena alteração no telhado, depois de longa luta conseguimos resolver. Posteriormente ele vendeu o Hotel para um grupo português, que depois venderam para o grupo Rene Strobel. Na ocasião eu queria comprar, com outras pessoas, mas não deu certo.

A fortaleza

Na Fortaleza não era permitida a visitação com máquina fotográfica, filmadora, até um bom período depois que terminou a guerra. E, às vezes, eles não deixavam passar, simplesmente. O pessoal tinha que passar por aquelas pedras com ondas batendo, era muito rigor na época. Eu lembro que na Fortaleza, sempre tive essa reserva.

Ela servia de trampolim para gente passar, tanto é que essa escada que tem hoje é moderna, mais recente. Antigamente era uma escadinha muito precária, e assim mesmo os soldados que lá estavam não deixavam passar. Depois, com o passar do tempo, foi melhorando e viram que não havia mais a importância estratégica que uma fortaleza dessa podia oferecer, e permitiram filmar, fotografar e passar.

Passeios e tradições

Meu pai tinha uma tradição aqui, quando ele chegava no fim de semana. Trazia carne e convidava uns amigos e a gente saia andando até o Farol. Lá tinha um lugar com uma pedra, que parecia uma mesa, onde a gente se instalava e o pessoal ficava tomando banho, enquanto meu pai fazia o churrasco para os amigos. A gente levava, eu me lembro, ou de carrinho ou em uma vara nas costas a comida para preparar. Era muito divertido.

Tinha muito peixe, os pescadores chegavam com pencas de peixe, ofere-

cendo. Era tradição, as canoas, de Serra Negra, da Ilha das Peças, chegavam aqui com banana, laranja, mimosa, palmito e encostavam.

O Hotel e todos os proprietários compravam. Eu me lembro que se comprava só em cento, um cento de laranja, um cacho de banana, não era penca de banana. Era dessa forma.

Episódios marcantes

Houve um caso de um navio que naufragou, Norueguês ou Sueco. Bateu em outro navio quando entrava e foi adernando, adernando, até afundar. No local onde tem uma bóia, entre o Farol e a nossa praia. Desapareceu, mas hoje se for lá, em dia de maré de quarto que clareia bastante, você consegue ver alguma coisa. Esse foi um deles,

Muito tempo atrás, o navio Maria M., no canal Norte, também afundou, com um carregamento de açúcar.

Tem também o Argentino, que encalhou quando estava entrando. Encalhou com o vento sul/ sueste que batia muito forte e partiu, inundou duas partes dele e acabou desaparecendo próximo do canal.

Outro episódio que me chamou muito a atenção mesmo foi entre 1960/ 70, com uma nau naufragada. Com a dragagem do canal, que era antigamente do lado de cá, fez um buraco que foi desmoronando gradativamente e refletindo nas laterais dessa uma nau. Com isso ela se soltou e flutuou, porque o lastreamento dela, que era muito usado na época, era feito com pedras e estas tinham saído do fundo. Então ela flutuou e veio com a maré enchendo, encostar na ponta do bicho, no topo da maré. Quando a maré baixou ficou totalmente no seco.

Aí olhei aquele negócio e imediatamente percebi a importância daquela embarcação com relação à Fortaleza. Procurei as autoridades, para que aproveitassem aquela nau e na maré cheia rebocassem ela até a lateral da Fortaleza, para expor no local. Porque era nau de época, toda transpassada por parafusos de latão e além da linha d'água era toda com cobre. Mas o capitão, com dificuldades financeiras ou por qualquer outro motivo, não tomou conhecimento e aí os nativos descobriram e começaram a meter o machado. Eu não estava aqui, estava em Curitiba, mas eu fiquei sabendo da demolição. Simplesmente destruíram...

O seu Diamantino, que era o negociante forte de Brasília, tinha uma venda e começou a comprar essas peças por quilo. Aí acelerou mais a destruição, eu me lembro muito bem as folhas que eram todas com o nome da embarcação; eram todas chapas pregadas no casco, um ferro banhado em

óleo antes de encostar na madeira. A chapa era justamente pra proteger o casco de madeira. Isso foi uma pena, porque não fiquei com nenhuma recordação dela. Quando lembro desse episódio dá pena da perda. A gente sabe que lá na Europa as pessoas gastam milhões para recuperar um barco Viking e aqui nós perdemos essa chance.

Texto baseado no depoimento de Gil José Galli, 73 anos.

GILDA MARIA GALLI

Minha família freqüentava a Ilha desde a década de 20, sempre no mês de julho. Havia muita ansiedade pra vir pra Ilha do Mel. Eram muitos preparativos, porque a gente vinha de trem. Nós morávamos próximo da Ferroviária, na Silva Jardim. Meu pai, que era muito exagerado nas compras, chegava com quase um vagão de compras, e a gente vinha com a lancha dos práticos. Chegávamos na hora do almoço, e saíamos de Paranaguá à uma hora da tarde mais ou menos, mas havia também uma lancha que era do hotel.

A ansiedade para desembarcar era grande, porque tinha o famoso Satuca, que era um nativo que tinha um negócio, e a dona Domitila, esposa dele, que fazia uma cocada deliciosa! A gente já descia e queria correr na areia, levava todo o material. Ficava um mês aqui.

Alimentação, os passeios e o cotidiano

Para a comida que trazíamos meu pai fazia uma caixinha, com um tipo de tela, e deixava em lugar mais arejado para não estragar. Sempre que ele ia à Paranaguá trazia barras de gelo, para conservar a comida. E de manhã, enquanto a minha mãe fazia o café, nós íamos com meu pai comer ostra nas pedras da Fortaleza. Na volta, eu lembro, tinham canoas de laranja, de ostra de banana, de peixe. Meu pai só dizia assim: “um cento de laranja lá no Galli, um cento de mimosa, de banana um cacho, um saco de ostra”. Como não tinha lugar para conservar, lembro que meu pai mandava espalhar em baixo da cama, paras frutas não apodrecerem, e dizia para nós: “comam até não agüentar!”.

Conosco vinham também outras famílias. Havia muitas casas aqui: os Quinzinho, tia Mira, que adorava a Ilha e sabia muita história, o Jorge Lobo, natural de Paranaguá, que sabe contar em detalhes o que ele veio

fazer com um aninho aqui na Ilha.

Reuníamo-nos sempre para brincar, mesmo em Curitiba, embora estudássemos em colégios diferentes, havia encontros. E aqui na Ilha passávamos a temporada juntos. Boas amizades.

Todo domingo meu pai fazia churrasco lá no Farol. Ele tinha uma tina de madeira, comprava barras de gelo e temperava todos os filés. Ele havia comprado uma carrocinha para puxar meu irmão que era temporão. Ele colocava na carrocinha e minha mãe levava toalha e passávamos o dia no Farol. Ele convidava uma ou duas famílias e nós íamos passar o dia lá.

Também íamos às Encantadas, era mais longe, e lá não tinha nada. Nem um negócio, nada. Tinha que levar tudo. Íamos a pé e voltávamos de barco. O caminho era onde antigamente chamavam Mar de Dentro, hoje é Brasília. Para ir ao Mar de Dentro tinha uns três caminhos. Íamos pelos caminhos puxando galhos, brincando e a minha mãe mandava a gente contar para ninguém se perder, pois éramos em torno de trinta e poucas pessoas.

Os nativos

Tinha o Tércio, a dona Flora que era uma senhora, vidente e benzedeira. Quando a gente machucava um dedo no vôlei ia lá, ela colocava um não sei o quê - só sei que ela ia falando e costurando. Ela era também a lavadeira do Hotel. Tinha uma fonte aqui próxima onde a gente ia pegar água, lá para dentro, beirando o morro. Tinha uma fonte de água limpíssima, a minha mãe ia lá toda manhã. Havia uns três ou quatro tanques e elas lavavam roupa lá, deixavam coarar, ninguém mexia. Ela colocava água nas garrafas para nós e cada um trazia uma garrafinha, que não era de plástico, era de vidro.

A água para beber era coletada nessa fonte. E era também vendida. O famoso Natálio, nativo daqui, trazia. Ele punha um pano na cabeça e colocava a lata na cabeça e em cima da lata, era interessante que tinha uma madeirinha quadradinha, para não derrubar a água. E a gente dizia: “lata d’água na cabeça lá vai Natálio, lá vai Natálio”...

Os passatempos, diversões e famílias vizinhas

Nós brincávamos muito na praia, andávamos muito de bicicleta, todo mundo tinha uma. Havia um clube, não no hotel, que fazia baile. Meu pai contratava gaiteiro, tinha um guichezinho que vendia a entrada para o baile. Os casais que dançavam assim: eram sete passos, e eles iam percorrendo o salão e a criançada ficava sentada. Era bem gostoso.

Meu pai soltava os fogos e vinha o pessoal que enchia o clube. Uma vez meu pai salvou um menino de afogamento e à noite fizeram um baile em homenagem para o meu pai.

Com a minha mãe, o meu pai tocou o Hotel por algum tempo. O seu Dorico foi o primeiro proprietário. Teve uma padaria, também do seu Dorico, para lá da Dona Quinota, onde íamos buscar pão.

Dona Quinota teve uma pensão ao lado do Hotel. Ela começou com uns quartos, e aí aumentaram. Eles tinham um negócio de secos e molhados, e um jogo para a gente brincar. Chamava-se "bagatela". Era uma mesa inclinada que você, com um taco, batia numa bola ela corria para uns buracos com os números e uns pregos, onde caía. As apostas do jogo eram para ganhar cocada.

Havia outras famílias que freqüentavam o lugar: tinha a família Zagonel, a Quadro, Slavieiro, Iwersen, Hauer, Pizzato, Souza, Zaniolo, Martins, Bertoldi, Senff, Dudu e Richardela que era dentista e tinha uma casa do lado da Igreja. Era ele que fazia essas festas. Ele fazia churrasco, tinha roleta, fazia missas e procissão da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. Antes da festa havia as novenas. A gente assistia a novena com a mãe, as senhoras levavam principalmente as filhas.

Essa Igreja já existia e era freqüentada pelo pessoal da Ilha que trazia o padre. Era rezada a missa e depois faziam a procissão que subia no Forte. Tinha também casamentos e batizados e os nativos também freqüentavam as festas. O padre vinha só na ocasião de festa.

Texto baseado no depoimento de Gilda Maria Galli, 73 anos.
Data: 01/2009

Família Gomes de Sá



Fachada da entrada da Fortaleza



Panorâmica do Hotel Ilha do Mel



Casa e Farol

LYGIA MARIA GOMES DE SÁ VIANNA

e ERMINIO MARQUES VIANNA JR.

Começamos a freqüentar a Ilha do Mel em 1977/78. Viemos passar o fim do ano aqui, de barraca, com a nossa filha Maria Eleonor. Ficamos acampados na pousada do Egidio, que é da Nossa Senhora dos Prazeres, embaixo de uma árvore. Nós levamos fogareiro e todo o material de camping, mas ele não quis que ficássemos acampados e nos fez entrar. Ficamos, então, lá com o Egídio.

Quando estávamos lá apareceu o Leopoldino de Abreu, que cuidava de uma capela lá na ponta do Superagüi. E ele sempre andava com uma máquina filmando. Ele chegou de barco e começou a filmar, e a Igreja que estava toda feia. Ele perguntou: “Vocês topam arrumar essa Igreja?” Estava ainda em pé, mas em mal estado; o assoalho dela era de madeira e estava todo podre. O Egidio respondeu: “Vamos começar a organizar, vamos fazer uma festa em julho”. Naquela época só tinha duas festas na Ilha; a nossa aqui, e a do lado de lá que era do Bengo, lá perto do Farol, onde também tem uma capelinha antiga.

O pessoal veio para festa e, com o dinheiro que se arrecadou, fizeram o piso. Ela foi desmontada inteirinha. Durante uns quatro ou cinco anos fizemos festa. E com o lucro conseguimos fazer um salão paroquial atrás. A festa era sempre em julho, nas férias de julho, quando os turistas estavam aqui.

O Leopoldino quando veio, viu que estávamos no Egidio e que gostávamos da Ilha e falou: eu tenho uma casa, uma posse que a minha irmã comprou de um tenente aqui na Ilha. Se vocês quiserem, é da minha irmã, eu empresto para vocês. E emprestou. Era uma casinha três por quatro. Nós com um amigo, o Bira, arrumamos esse ranchinho. Depois de um ano, pegando muito amor pela Ilha, compramos a casa da irmã do Leopoldino, que já tínhamos dado uma arrumada. A única casa de material aqui é a casa da Cloris, filha da Lilinha. A mãe dela é moradora bem antiga.

A Capela

Quem cuidava da igrejinha era o Egidio Sternard. Ele morava aqui, tinha se aposentado, teve uma fábrica de móveis. A esposa dele ainda traba-

lhava, era bibliotecária, e vinha nas férias.

A imagem era a de Nossa Senhora dos Prazeres, a mesma que a família Zagonel trouxe para cá. Primeiro ela saiu da Fortaleza porque entrou um comandante que não era católico. Aí, se não me engano, ela foi para ponta Oeste, depois para o Superagüi, e voltou para cá quando a Família Zagonel fez a Igreja.

Na nossa época tinha o Fandango, vinha um grupo que era de Guaraqueçaba. O Egidio recebia todo mundo na casa dele, não era pousada ainda. No mesmo local da Pousada dos Prazeres, ele tinha três posses. Agora é do Sinval, cujo pai foi Comandante do Forte. Ele comprou do Egidio, porque ele não vinha mais para cá.

Os moradores da Ilha se davam bem, havia uma boa convivência. Quando tinha festa aqui todos de lá vinham para cá, até para ajudar na festa. E quando tinha festa do Bengo lá, a gente ia para lá também. Vinha pessoal de todos os lados. Assim como vinha o pessoal que dançava Fandango, nós trouxemos para uma das festas da Igreja a "Camerata Antiqua" e a "Orquestra Harmônica de Boca de Curitiba".

A Fortaleza

Quando nós construímos aqui, tinha o pessoal da marinha e na Fortaleza tinha soldados, pois pertencia ao exército. Não tinha o IAP.

Meu pai tinha amigos soldados, porque era oficial do exército também. A primeira vez que ele veio, foi até a Fortaleza falar com o cabo ou tenente. Que eles deveriam ter um controle, como todas as fortalezas do Brasil, que para entrar tem que apresentar seu RG, assinar seu nome no livro e pagar uma taxa. Que isso poderia reverter para limpeza e manutenção do monumento, mas nunca fizeram.

Abastecimento de água e luz

A água não era encanada, era coletada com um balde em uma fonte bem antiga, na encosta do morro. Todo mundo se servia dessa fonte, porque a água era maravilhosa, potável, boa para beber, para cozinhar, para tudo. Na época nosso chuveiro era de campanha. Ela ainda existe no fundo do quintal do Renato. Tem data e tudo. Também não tinha luz, era tudo com lampião. Agora a luz vem por cabo submarino.

Alimentação

Os mantimentos, na época, se trazia de Curitiba. Vinham todos por Pontal do Sul e a travessia era de barco. Tinha poucos barcos, não era de linha. Chegava em Brasília e tinha um carrinho que transportava. O Enio tinha

um carrinho que ele desmontava e colocava dentro do carro e aqui ele montava e colocava tudo o que a gente trazia de mantimento dentro e vinha puxando.

Existiam várias pessoas que vendiam peixe, agora só tem aqui, perto da marinha, uns pescadores que ficaram com uma das casas que era da Copel. Mas não pescam muito ultimamente. É difícil peixe, o que eles pescam eles levam para vender fora.

Havia o Antoninho, um pescador, que morava em uma casa nos fundos do Gil Galli, Esse era da nossa época. Diz-se que antigamente também tinha armazém, mas nós não vimos nada disso.

Comprava-se cocada da Dona Quinota e pão de casa dos Martins.

Casos Pitorescos

Na época tinham nativos morando na Fortaleza. Tinha o Tércio, que morava do lado do Zenon, o Chimbica. O Zenon atendia o Tércio porque ele tinha catarata, tinha que ir para Curitiba operar, mas não queria. Dizia que tinha um tesouro enterrado embaixo da casa dele e que, se ele fosse, iam roubar este tesouro. O Zenon é mais antigo que a gente por aqui, o pai dele foi soldado do Forte.

Texto baseado no depoimento de Lygia Maria Gomes de Sá Vianna e Erminio Marques Vianna Jr., 76 e 77 anos.

Data: 01/2009

Família Bitenkurt Veiga Silva



Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres - ACERVO IPHAN

MARIA THEREZA BITENKURT VEIGA SILVA

Freqüento a Ilha do Mel, onde tenho casa, desde 1977. Antigamente o acesso era mais difícil, só por Pontal do Sul, com barcas em horários determinados. Não tinha transporte de Paranaguá, só particular ou barco fretado.

A dificuldade maior era o desembarque ao lado da Fortaleza ou em Brasília. Não tinha mais trapiche no Farol, era no Diamantino, como se chamava um pescador antigo que tinha no meio do caminho. E de lá para cá nós tínhamos que trazer tudo nos carrinhos puxados por nativos e vir a pé ou nós mesmos tínhamos um carrinho próprio que puxava toda a bagagem.

Havia quase o mesmo número de moradores para o lado oeste da Fortaleza. Casa nova aqui só a do Zé Roberto, o Elefante, que tinha uma casa de alvenaria desse lado e que foi demolida e depois venderam o terreno.

O dia-a-dia na Ilha

O passatempo preferido era jogar vôlei. Todos nós íamos ao mesmo tempo para praia, cada um levava seu pratinho de aperitivo. A Gilda Galli e nós, quando meu marido era vivo, íamos muito para o outro lado da Ilha. A Fortaleza não separava o povo. Hoje a gente ainda se dá bem, só que não há mais tanto entrosamento.

Lembro na minha infância, numa ocasião que eu vim pra cá, que no Hotel do pai da Gilda, faziam o baile.

A água potável vinha de uma fonte, onde a gente pegava. Passando a Fortaleza tinha um pescador, o Pedrinho. Comprávamos dele todo o peixe, mas ainda vinha muito com os barcos; camarão também.

Episódio marcante

Aqui sempre foi muito calmo, mas teve episódios de pessoas cujos barcos estragaram; uma baleia que encalhou aqui na frente e teve que vir uma chata de Paranaguá, com uma pá carregadeira, para retirá-la e enterrar em frente ao trapiche. Até o ano passado ainda tinha os ossos dela por lá.

Religiosidade

Poucas vezes veio o padre, que era de Paranaguá, para cá. A festa da Padroeira era em julho, e nos reuníamos todos; vinha pessoal até do Farol.

No começo, se fazia bom tempo, a festa era muito animada e participativa. Todos colaboravam, mas a figura principal era do pioneiro que foi seu Egidio,

dono da pousada dos Prazeres. Ele tinha espírito de líder mesmo, uma pessoa muito honesta, boa, dedicada, que reuniu todos formando uma sociedade de amigos da Ilha do Mel, que funcionou enquanto ele existiu.

A capela era ele quem cuidava, zelava e fazia as reformas. Nós vimos poucas vezes a procissão, que saía da Igreja e passava na Fortaleza. Dizem que no início ia até a Igreja lá do Farol. Sempre houve precariedade de atendimento religioso aqui, embora se rezasse muito. Nós até brincávamos que o Enio era o padre, pois ele rezava e fazia as orações a tarde. Até um ano e meio atrás eles guardavam a imagem, depois passaram para outro casal.

Texto baseado no depoimento de Maria Thereza Bittencurt Veiga Silva, 76 anos.

Data: 01/2009

Família Alves



Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres - ACERVO IPHAN

ZENON ALVES

Nasci aqui na Ilha, no lado Oeste do Forte, em 1936. Meu parto foi a Dona Flora quem fez. Ela morava aqui na Ilha, era nativa. Nós somos doze irmãos, e todos nasceram aqui. Hoje uns moram em Paranaguá outros em Curitiba, e de vez em quando a gente se encontra. Só tem um irmão e uma irmã mortos.

Meu pai, Manoel Luis Alves, trabalhou na Fortaleza na época das duas Guerras, da primeira e da segunda. Ele trabalhava todos os dias das sete da manhã até as seis da tarde. Ele serviu trinta e poucos anos, até aposentar-se. Na época havia uns cento e pouco militares. Tinha caminhão, jipe, anfíbio.

Eles passavam as noites vigiando. Tinham medo, porque havia navios alemães. Uma vez eles entraram fora da barra com o navio, mas dali foram embora. Eles tinham um refletor que até uma agulha na praia podia achar. Alcançava até lá fora, não sei quantas milhas. Tinha o jipe anfíbio, que ia pra Paranaguá.

Estudei na escola que havia aqui, antes da guerra. Era aquela que está na foto, mas a maré derrubou tudo. A escola tinha primeiro, segundo e terceiro ano. Então fui para Curitiba para continuar a estudar e trabalhar. E quando me aposentei, voltei.

Depois fizeram uma escola no campo onde foi a Copel. Ali ficava um colégio que desmancharam e levaram para Nova Brasília. A professora que vinha para dar aula era minha parenta também, mas ela morava em Paranaguá e vinha para cá lecionar.

Desde os quinze anos eu vendia lenha, que vendia para os banhistas. Inverno ou verão. Havia muitos alemães. As minhas irmãs lavavam roupa para o exército.

Minha mãe, Aldamira de Miranda Alves, era bugre da ilha e escrava. Tenho documentos da época do meu pai, estão em Curitiba. Antigamente casamento tinha que ser em Guaraqueçaba, certidão de nascimento também.

Estrada e transporte na ilha

Havia uma estrada que foi feita pelo exército. Antes disto não tinha. Quando abriram a estrada eles pretendiam ir com ela até a ponta Oeste para fazer lá um trapiche para descarga. Fizeram até a metade do caminho e

pararam. Como era muito banhado, desistiram. Chegaram a cortar, era uma estrada larga, agora não tem mais nem vestígio. Ela passava ao lado da Igreja, mas já fechou tudo, só tem um abrigo ao lado do rio, onde tinha uma caixa velha usada pelo exército, ficava lá para dentro.

Para trás havia um campo, era o campo de futebol do exército. Era entre a casa da minha irmã e a Pousada do Sinval. E o caminhão que vinha do trapiche na marinha, passava aqui na frente e deixava o pessoal no Forte, depois passava por trás do muro e deixava no Hotel.

Festas e brincadeiras

Quando eu era pequeno havia muitas brincadeiras. Uma delas era corrida de vela de barco, da Ilha das Peças para cá. E toda semana tinha festa, era muito divertido.

Tinha cancha de bocha no Satuca, que ficava cheia de banhistas. Na Igreja sempre tinha festa, faziam várias. Agora não fazem mais nada. Quando eu nasci a igreja era dentro do forte, mas o exército mudou para cá, para o lado do cemitério.

Tinha também a Festa dos Navegantes, que antes era aqui depois levaram para Nova Brasília. Assim também a Santa de Nossa Senhora dos Prazeres que não é mais esta que está aí. A original o Egidio levou para Curitiba para restaurar. Ela sempre foi de gesso, não de madeira.

Lembro das procissões, o trajeto era até o Forte. Entrava no Forte e voltava para Igreja. O meu cunhado era o fogueteiro, nesta data da padroeira. O padre vinha de Paranaguá. Hoje não tem mais festa e a igreja caiu.

Havia festa também no Farol; onde hoje é a lagoa tinha uma Igreja. Ali tinha o trapiche, a casa da praticagem, era totalmente cheio de casa de prático. Era o ano todo cheio.

O barco da marinha trazia gente de Paranaguá para Ilha, o pessoal da praticagem levava e trazia o pessoal. Tinham barcos grandes, para 50, 70 passageiros. Agora são pequenos.

Naquele clube do hotel, aconteciam os bailes que nós freqüentávamos, até que caiu tudo com tempo.

Localidades e Moradores da Ilha

As pessoas que moravam aqui eram pescadores. Quem trabalhava no Porto era só no Porto, mas havia bastante gente aqui. Moravam todos para esse lado da Fortaleza. Tinha mais morador do que agora; havia umas quarenta a cinqüenta famílias.

Lembro de vários moradores daqui: o Satuca, o Tércio que era meu tio, o

Vicente Elias quando foi Prefeito de Paranaguá, que morava perto da casa do Zé Maria; o Severino, o João Alfinete, o Ísio e o Lilico, meu cunhado. Os nativos ficavam mais para este lado.

Brasília é nova. Quem começou Brasília foi o velho Diamantino, o pai do Nilo. Foi ele quem colocou este nome.

Nas Encantadas quase não íamos, eram só pescadores. O movimento era mais aqui na Fortaleza. Naquela época, na praia do Belo, a maioria daqueles terrenos era da minha mãe.

Na Praia Grande o velho Olímpio, parente também, tinha roça. Avó Maria fazia farinha também e plantava muito abacaxi. Tinha bastante peixe e farinha.

A mãe do meu cunhado fazia farinha lá perto da Marinha, a velha Rosa tinha roça na Ponta Oeste. Lá também tinha bastante gente. Moravam lá o Domingos Pereira, o pai do Ademir, Airton, José... A maioria dos moradores da Ponta Oeste eram pessoas muito velhas e foram morrendo.

Para ir a Ponta Oeste só pela praia, e quando a maré enchia, era só a nado. Hoje não mudou nada. Depois da Ponta Oeste tinha a praia do Cedro. Ali viviam só pescadores. Havia também uma Igreja, a do Divino Espírito Santo. O pai do Diamantino, pai do Dido, que instalou a Igreja. Nós íamos às festas lá.

Tempos de guerra

No tempo da guerra, às seis horas da tarde o comandante mandava todos irem para o mato, para barracas do exército que ficavam montadas lá, a noite inteira. Tinha que ir dormir lá todas as noites e só voltávamos para casa pela manhã. Não se podia acender nenhuma luz, por causa dos navios. Às seis horas da tarde avisavam tocando sirene, não ficava ninguém nas casas, ficava tudo no escuro. O local ficava uns 100m no mato, numa picada, em um lugar mais alto e seco. O meu cunhado, que era soldado, foi para festa depois ficou trinta dias preso. O exército patrulhava a praia, faziam ronda o dia inteiro, 24 horas.

No mato era tranqüilo, naquele tempo não tinha butuca e pernilongo como tem agora. O exército passava veneno no mato de avião, para combater a malária. Naquela época tinha muita malária. Eu peguei e quase morri. Quando eles começaram a pulverizar o mato, não tinha mais. Todo ano eles passavam na Ilha inteirinha. Assim foi até terminar a guerra, quando acabou, tudo voltou ao normal.

Episódios marcantes

Vários navios que passaram por aqui deixaram suas marcas na história. O navio Maria M, cheio de armamento, foi ao fundo lá fora, no banco que nós pescamos agora. O Argentino que se chocou, e tinha contrabando. Teve também o Dari Sinhá, de Formosa, navio de pesca japonês que a tripulação se suicidou. Foi na ponta do deserto no Superagüi, tinha marinheiro enforcado até no mastro do navio. Na Lajinha tem o Matarita também, tinha muito contrabando dentro. E um barco que emergiu do fundo encostando na praia e o pessoal tirou a madeira.

Nós achávamos muitas moedas na praia, na maré grande, no Forte. Eu tenho moedas de 1500 lá em casa, moeda de prata. Meu cunhado tinha lata de 18 litros de banha, cheia de prata! Uma vez achei uma pedra amarela, que era um tipo de um pinhão. Meu irmão mais velho, que estudava e morava em Curitiba, levou a pedra e trocou por um caminhão aquela época.

Texto baseado no depoimento de Zenon Alvez, 73 anos.
Data: 01/2009

Família Lobo



Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres - ACERVO IPHAN

GEORGE ALBERTO AZEVEDO LOBO

e NADIR LUIZA LOBO

A família Lobo era de Paranaguá e Curitiba. Sempre tivemos uma estreita relação com a Ilha do Mel. Os meus pais, Laura e José Fonseca Lobo, que casaram em 1912, iniciaram namoro e noivaram na Ilha do Mel. O meu primeiro aniversário eu passei lá, com minha família que sempre ia para ilha. Nós íamos como turistas, mas havia sempre um preparatório para arrumar tudo para a viagem. Levava-se roupa, mantimentos e a família toda. Fazia-se um estoque de mantimentos, mas algumas coisas a gente comprava do Cesário e do Satuca. Estes eram caboclos e fazem parte desta história.

O barco que usávamos era a vela. Sempre ia muita gente, meu pai levava o padre inclusive, e mais outras pessoas. Ele promovia a festa junina. Costumavam ir sempre em julho porque não tinha butuca e risco de maleita. Depois que acabou a maleita as pessoas começaram a ir no verão. Na chegada nós atracávamos no trapiche do casual e depois íamos até perto do Hotel, para desembarcar. Fazia a pé do trapiche do casual até a Fortaleza, ou usava o caminhão do hotel que fazia o transporte.

O meu pai não possuía casa na ilha, ele alugava uma pelo ano inteiro e ficávamos cerca de dois meses. A casa ficava fechada, e quem cuidava era o caboclo que tinha um ranchinho atrás para morar. A antiga casa não existe mais; o mar avançou naquele local, era perto de onde foi a pousada da dona Quinota. Hoje temos casa lá, ficamos o verão todo.

Lembranças de época

Eu lembro da Fortaleza, da Igreja, da festa e da procissão que nós participávamos. Lembro dos passeios na Ilha, da casa do Farol que havia em cima do morro onde nós íamos passear. Íamos comer canjica, levávamos comida para comer lá em cima. Íamos também às Encantadas. Nestes passeios levava-se um farnel, às vezes até tocava fogo no mato. Uma vez, no Mar de Dentro, fomos fazer café. Fizemos o fogo no chão e aí o fogo subiu no mato seco.

De vez em quando eram feitos estes passeios, o pessoal brincava mais de bola na praia, jogavam vôlei e futebol. Havia também duas canchas de bocha, que os mais velhos jogavam todo dia. Jogavam cartas também,

dentro de casa, no Hotel e no clube.

As pessoas tinham costume de andar pela ilha com um cajado, e faziam inscrições. O cajado servia também de arma para as cobras, porque havia muitas.

Alimentação e infra-estrutura

Na Ilha havia uma fonte natural com uma água límpida e nunca ninguém ficou doente, ficava atrás do morro da Fortaleza. Tinha uma mulher que abastecia uma lata e colocava na cabeça e saía vender. Até que instalaram a parte hidráulica na Ilha, e agora a água não é boa. Havia também um pessoal nativo que puxava água para gente, D. Quinota, D. Flora benzedeira e parteira, muito boas pessoas.

O peixe era trazido pelo pessoal da Ilha das Peças; o Valério trazia peixe, tudo era muito útil. Uma vez uma dessas canoas salvou uma pessoa que estava morrendo afogada. Jogou fora todas as verduras para salvar a pessoa.

Algumas vezes a gente aproveitava e ia até o interior da Ilha, para comprar verdura, lá havia pessoas que plantavam alguma verdura como batata doce e alface, porque lá no centro, que perdia a influência do sal. Outras vezes mandávamos buscar em Paranaguá.

No Mar de Dentro só moravam os caboclos. O irmão de Nadir, João Nelson Sobierais, que é médico, ia para lá e eles faziam fila para fazer exame. Ele tinha uma casinha por lá e ficava atendendo, só vinha quando acabava. A maioria tinha tuberculose e maleita.

No Casual, onde tem aquele farol quadradinho e antigamente ficavam os geradores da Copel e agora é a marinha, a gente saia a pé três quilômetros para ir pegar camarão. Chegávamos a pegar até cinco quilos com a mão! Eles ficam com a cabecinha de fora, até as crianças juntavam sacolada de camarão! Agora não tem mais siri e nem camarão.

Havia outras famílias de Paranaguá que também iam freqüentemente para Ilha do Mel, mas eram poucas: lembro dos Guimarães, os descendentes do Visconde de Nácar. A maioria era de Curitiba, alemães, italianos e alguns portugueses. O Albino é nosso parente português. Dessa família que eu falo tem a Cloris, filha do Albino Souza. A casa dela foi vendida, depois que morreu a mãe. É a primeira casa de material, porque era proibido. Tem uma pintura na parede.

Diversão e um fato marcante

Tinha muito fandango, se dançava muito lá perto do clube. Todo domingo tinha fandango. No Satuca tinha baile toda a noite. O pessoal que toca-

va era nativo, os instrumentos eram todos rústicos.

O divertimento era muito diferente de hoje, os trajes de banho também. Os maiôs eram inteiros, os dos maridos até o joelho. Os homens eram obrigados a andar de camisa. O pai de Nadir era delegado de polícia, e havia uma ordem: para tomar banho de mar na praia tinha que usar camisa, era fiscalizado. Há algumas fotos do pessoal na frente do Hotel com roupas assim.

Uma coisa que nós presenciamos e que agora ninguém mais tem este prazer era a passagem dos navios por aqui, eles passavam a seis metros da praia.

Um episódio na Ilha do Mel que eu lembro foi o afundamento de um navio, ali perto da D.Quinota. Foi uma colisão. Era um navio carregado de madeira, o pessoal pegou para fazer casas, tinha até armários da cozinha. Eles mergulhavam e traziam. O navio foi declarado perdido, já tinha afundado.

A guerra e o balneário

Lembro de um dos comandantes da Fortaleza na época, Agostinho Pereira Alves. Tínhamos uma fotografia dele e papai, ali na pedra.

Na época da guerra para o lado de lá, antes do Gil Galli, tinha uma casa muito boa de alemães. Eles se retiraram no período e ali ficou sendo o cassino dos militares, dos oficiais. Tinha um comandante que usava um anfíbio, ele entrava na água com a moçada. Ele fez a maluquice de mandar cortar todo o mato do morro do Forte, ficou aquela coisa horrível, como quem raspasse a cabeça. Ele foi recolhido, repreendido.

Foi uma pena que, por causa da guerra, os alemães tiveram que sair de lá. Nós, os brasileiros, continuamos. As casas eram boas, tinham porcelanas, mas levaram tudo! Depois da guerra somente um ou outro voltou.

Neste período o exército tinha uma canoa que fazia o transporte, a Paraíba, que era uma grande canoa aberta, com motor. Na largura cabiam dez pessoas. Nós usamos muito essa canoa. Temos um parente que até tomou parte da segunda guerra, foi herói de Monte Castelo, ele foi comandante da Ilha em Paranaguá. Nesse período é que nós usávamos o barco.

Para nós a Ilha do Mel é a única praia no mundo, não gostamos de mais nenhuma. Meu cunhado que morreu ano passado, foi para Europa e de lá me mandou um cartão postal dizendo: “A Praia mais linda do mundo é a Ilha do Mel!”

Texto baseado no depoimento de George Lobo e Nadir Luiza Lobo, 90 e 84 anos.

Família Hauer e Garber



Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres - ACERVO IPHAN

ACYR HAUER e HANS KLAUS GARBERS

A primeira vez que estive na ilha do Mel foi em 1931, e eu tinha sete anos. Os dias que antecediam a ida eram muito esperados, eram as férias que a gente ia passar lá. Esse período de férias era de um mês, em julho. Como havia a maleita, o pessoal tinha medo de ir pra lá no verão.

Descíamos de trem até Paranaguá e lá pegava um carregador, o número 1, de preferência, e ele nos levava até a lancha. Almoçávamos e tínhamos que esperar até a uma hora para lancha seguir. O embarque da lancha era no rio Itiberê, na rua da Praia. Era a lancha do clube do hotel, tinha dois níveis e dava para duzentas e vinte pessoas. Era a única que tinha; só fazia transporte de passageiros e carga.

Nossos pais, Ernesto Hauer e João Klaus, também freqüentavam a ilha, eram associados desse Clube Balneário, uma associação fundada pelos simpatizantes da Ilha do Mel. Os membros do clube eram pessoas de famílias tradicionais e antigas de Curitiba, como os Kustman, Villar e Rodolfo Senff, entre outros.

Haviam muitas famílias que freqüentavam a Ilha. Em Curitiba muitos eram os associados do Clube Concórdia. Dos italianos que iam para a Ilha do Mel, uns moravam em São José dos Pinhais, outros no bairro Portão. A família Lobo freqüenta desde 1901, segundo o neto do José Lobo. Os Krüguer desde 1900, mas iam para as Encantadas. Quando um amigo nosso que era neto desse Krüguer faleceu, há uns 4 ou 5 anos, ele fez questão que o corpo dele fosse cremado e as cinzas derramadas na Ilha do Mel.

Os preparativos e os passeios

Naquela época havia muitos preparativos. Lembro perfeitamente quando o meu pai mandava preparar na sua firma, que era uma empresa de tecidos, uma caixa de madeira forrada com folha de zinco. Ali ia acondicionado os embutidos e os mantimentos em geral, pois na Ilha inicialmente não havia absolutamente nada.

Tinha um agente de correios, que era seu Domingos, onde ficava também o telégrafo. As netas do Domingos ainda tem casa lá.

Depois é que surgiu o hotel, a casa do clube e o próprio Clube Balneário, que era onde o pessoal se encontrava à noite para dançar, na base da sanfona. As casas primitivamente eram, realmente, só as que existiam da Fortaleza até a praia onde hoje é Nova Brasília, antes Mar de Dentro. Tinha a

Igrejinha, que desabou e umas vinte casas de banhistas, quase todos de Curitiba. Do lado esquerdo da Fortaleza viviam só nativos, porque ali havia uma escola. Os nativos da Ilha, muito antigamente, moravam espalhados, cada um tinha seu rancho.

A chegada na Ilha era de caminhão. Descíamos no trapiche do mirante e lá havia uma casinhola, que na época de chuva se usava para guardar a bagagem.

Aqueles passeios na Ilha, até Encantadas, era um acontecimento nas férias. Era emocionante fazer o planejamento e ir nessa caminhada. Ia-se a pé até São Miguel, Morro do Sabão e assim por diante. E levávamos de tudo, porque não tinha nada lá. Na volta também vínhamos andando.

Alguns costumavam também dar a volta pela ponta Oeste, onde eram só pescadores, não havia banhistas.

Nosso lazer algumas vezes era pegar umas latas de leite condensado, umas latinhas pequenas, que existiam na época. Comprava uma lata daquelas, furava e oferecia às meninas. E ficávamos na Fortaleza "largateando". Costumávamos gravar as iniciais do nosso nome naquela rocha em frente à Fortaleza. Era interessante essa convivência. Praticamente todos se conheciam. Tinha a região dos italianos, os Pizzato, Massoni, Betega e Zanolo já em seguida da Fortaleza. Depois vinha o grupo de alemães, que ia mais ou menos até depois da casa do Albino Souza. Os Galli até hoje tem algumas casas lá.

Há seis anos atrás, foi a última temporada que passei lá. Como eu já não tinha condições de andar do trapiche até minha casa, alugamos uma lancha em Pontal do Sul. Quem sempre me levava era o marido da Iracema, mas ele estava doente e me indicou um outro que, para atracar, ao invés de ir de frente, resolveu passar as ondas de ré e não funcionou. Perdi televisão, máquina fotográfica, barbeador, etc., então me aborreci e vendi a casa.

Mas hoje ainda lembro-me das festas de São João em frente de casa. Meu pai fazia um estaleiro de tocos, uma fogueira e ficava funcionando geralmente até quase que meia-noite.

Alimentos e água

Em relação à água e aos alimentos, comprava-se dos nativos. Eles traziam uma lata de querosene na cabeça. No início tinha até um homem com uma pipa puxada por um burrinho, que vendia água de casa em casa. As mulheres passaram a vender água depois que esse desistiu. Essa água vinha daquelas fontes do morro da Fortaleza e era muito boa.

E o peixe nós também comprávamos dos nativos, eles vinham da ponta da ilha e da Ilha das Peças. Isso de madrugada, saiam gritando pela praia: “Camarão! Peixe! Lagosta! Meu pai fazia questão que começasse por ele, ele até se tornou padrinho de um dos filhos deste pescador.

Os nativos vendiam também mandioca. Na época havia também canoas que vinham da colônia de Serra Negra, que traziam de lá mimosa, laranja, outras verduras. Estas canoas paravam regularmente na altura do Hotel. E um dos principais era um tal de Corsante, que tinha a primeira canoa motorizada, que ele mesmo inventou. Ele vinha de Serra Negra a Ilha do Mel trazendo banana e outros produtos.

Os nativos da Ilha

Havia um padeiro na altura da casa do Odorico, próximo da casa dos Amarante. Ele fazia e vendia pão todos os dias. Tinha também o Satuca, o Tércio e o Natálio, que sempre estava bêbado. Ele recitava estrofes de versos, mas sempre bêbado.

Localidades e freqüentadores da Ilha e o período de Guerra

Havia, próximo ao Farol, a vila dos práticos, com trapiche e com a lancha vermelha. Nós tínhamos pouco contato com eles. O barco fazia diariamente o percurso, mas nós fazíamos o percurso, até o Farol, ida e volta a pé.

A Fortaleza, sempre bem conservada, tinha uma guarnição de nove a dez soldados o ano inteiro. Antes e depois da Guerra também. Durante a Guerra tinha uns cinqüenta soldados.

No período da Guerra fui até a um quartel general que tinha em Curitiba e pedi um salvo conduto que chamavam na época, para freqüentar a Ilha do Mel. Alemães e Italianos não podiam mais ir lá.

Eles ocuparam uma porção de casas. A casa que eu comprei, que foi de José Lupion, que tinha água encanada de um poço com motor e era água quente, foi cedida para os militares.

Lembro de uma escada na Fortaleza, que quando a maré estava alta a gente entrava pelo Forte e descia nessa escada porque a bagagem e mercadorias só vinham depois, à noite, quando a maré baixasse. O caminhão então trazia e ia entregando nas casas.

A estrada contornava o morro, por trás do Morro da Baleia. Era bastante precária, e ia do mirante à Fortaleza. Haviam outras trilhas que cruzavam a ilha; tinha uma para o Mar de Dentro, era um carreador.

A região do balneário da Praia da Fortaleza foi a primeira linha de casas,

e havia mais casas mais para dentro da mata. A empregada do clube residia numa rua lá pra dentro. E, para lá, perto do Cesário, havia outra rua. A família do Guido Strobel, também tinha casa lá, mas agora os filhos não conseguem localizar.

A praia mudou bastante, o mar avançou muito. Eu mudei minha casa duas vezes, a primeira vez sobre roletes, com macacos de caminhão, recuei uns vinte metros. Depois a maré já estava na minha cozinha, passava por baixo da casa. Daí não deu mais para recuar, porque o cupim tinha comido toda a casa, então tive que comprar outra madeira. A casa que eu vendi para o genro do Galli era toda da melhor madeira, madeira de lei.

O local onde o mar avançou depois devolveu, pois quando reconstruí minha casa (Acyr) ganhei 50 metros de frente. A casa do meu filho fica a menos de meio metro do barranco que tem dois metros e meio de altura. Eu (Hans) freqüentei a Ilha até 1942. Já tinha vendido a casa, depois de um largo espaço de tempo, quando voltei e fiquei impressionado quando o barco encostou na Praia de Nova Brasília. Descemos para fazer um passeio a pé por ali e parte da Ilha do Mel que eu conheci, que era organizada, com as casas em alinhamento, bem tratadas, havia se transformado. Quando saí do barco, no trapiche, já percebi casas com as venezianas pregadas com ripas em X, jardins de cercas de arame com capim alto, não tive uma boa impressão. Em outra época não tinha ladrão lá.

Episódios e lembranças da ilha

Uma vez apareceu por lá, na época da guerra, um submarino do qual todo mundo fugiu, todos os nativos. Pois não era época de temporada, eles ficaram com muito medo. Depois acabaram descobrindo que era um "burrichó" que tinha encalhado no Mar de Dentro, com a pata para cima, que fez com que eles pensassem que era um periscópio.

Houve alguns problemas com navios que entravam pela barra como, em 1930, o MM - Maria Matarazo. Ouviu-se o navio apitando praticamente a noite toda. E em um ato heróico o Águia, um prático de Paranaguá, foi quem conseguiu, depois de dias, retirar o pessoal de bordo. Ele ficou aparecendo no mar durante uns dez anos.

Depois disso teve o navio Argentino, que se chocou na barra, próximo ao Farol. Este derrubou bastante madeira por lá, todos os pontilhões eram feitos de madeira que usavam para tirar o peso de bordo e para poder carregar novamente. Era madeira de lei.

Houve também um acidente com lancha que uma vez, durante uma

tempestade encalhou vindo de Paranaguá. Antes do mirante havia um rio de água vermelha e a lancha foi jogada para dentro do rio.

Havia também muitos insetos; pernilongos, mutucas. Uma época resolveram erradicar todas as goiabeiras e os pés de araçá, porque concluíram que era no fruto do araçá que a mutuca procriava. O mês delas é novembro. Alguns tiveram febre amarela, o Charuto e o Elviro Strobel, tio do René.

Texto baseado no depoimento de Acyr Hauer e Hans Klaus Garbers, 86 e 85 anos.

Família Zagonel



Lancha de Paranaguá trazendo ou levando as familias. Caminhão esperando para transportar as familias até a Praia do Forte. O primeiro do lado esquerdo era quem dirigia o caminhão, Ângelo Turra-Praia do Mirante - aprox. 1932 - Acervo da Familia de Emilio Zagonel



Crianças da Familia Zagonel - Praia do Forte - 1949 - Acervo de Silvia Bettega Nascimento



Chegada/Partida das familias em pequenos barcos, até a lancha, que os levaria até Paranaguá - aprox. 1930 - Acervo da Familia de Emilio Zagonel

LILIA BERTI ZAGONEL

A família Zagonel freqüentou a Ilha do Mel entre os anos de 1926 e 1954. O líder da família, Pedro Zagonel, era filho dos imigrantes italianos Massimino Zagonel e Maria Angela Bettega (Angelina). Foi um abastado industrial no ramo madeireiro e também um pioneiro e impulsionador do incipiente balneário da Ilha do Mel que, por falta de rodovias de acesso aos outros balneários, era o único freqüentado no Estado.

Era grande o número de pessoas que passavam as férias juntos: filhos, netos, sobrinhos, parentes e amigos. Seus irmãos, com suas respectivas famílias que freqüentavam a Ilha, eram: Carlota Zagonel, casada com Gregório Resende Passos, Maria Margarida (Rita) Zagonel, casada com Fioravante Slaviero e Angelo Zagonel casado com Verônica Turra.

Pedro Zagonel era casado com Rosa Bianchetti, também filha de imigrantes italianos. Tiveram sete filhos. Freqüentavam a Ilha com suas famílias: Euclides Zagonel, casado com Rosa Gasparin; Emílio Zagonel - 1º casamento com Araci Gomes de Oliveira e 2º casamento com Lilia Berti; Eulices Zagonel, casado com Dinorah Marques Faria; Elza Zagonel, casada com João Ernani Bettega e Ercília Zagonel, casada com Álvaro Ribeiro Guimarães.

A preparação para a viagem e o transporte na Ilha

Na década de vinte o litoral do Paraná não apresentava a mínima infraestrutura, e a Ilha do Mel era a melhor opção para as famílias tradicionais da sociedade curitibana passarem suas férias. Na sua maioria descendentes de italianos e alemães: Zagonel, Bettega, Slaviero, Turra, Zaniolo, Senff, Muller, Romanó, Valmassoni, Walbach, Pizzato, Galli, Basseti, Strobel, Souza, Garmatter e Villar, entre outros.

Os meses de férias eram: junho, julho e agosto, isso porque além de fugir do rigoroso inverno de Curitiba, não havia o mosquito causador da malária.

Na Ilha, o balneário freqüentado chamava-se Praia do Forte. As casas ficavam próximas ao forte que fora construído no século XVIII.

A preparação era grande e trabalhosa, geralmente iniciava-se um mês antes. Era preciso levar roupas de praia e roupas de inverno, mantimentos básicos como leite em pó e condensado, latas enormes com biscoitos, material de higiene e limpeza, querosene e velas para iluminação (pois não ha-

via energia elétrica). Na Ilha, duas pequenas vendas: a do Satuca e a do casal Cesário e Quinota, também proprietários da pensão.

Nos primeiros anos que a família começou a freqüentar a ilha, costumavam sair de Curitiba bem cedo, indo de trem até Paranaguá, onde pegavam o bonde puxado por burricos até a Igreja do Rocio. Lá faziam um piquenique, que era o almoço.

Anos mais tarde, a Família Zagonel saía de Curitiba com seus automóveis fazendo parada em Morretes para o almoço, seguindo viagem até Paranaguá. Deixavam os carros parados no depósito de madeira do Sr. Rodi, amigo da família, para então seguir viagem de lancha, que pertencia à Associação da Ilha do Mel, até a Ilha.

A viagem durava em torno de 3 horas. A lancha não chegava até a praia porque havia bancos de areia e o mar era revolto. O ponto mais acessível era perto do mirante, mas era necessário que canoas fossem buscar as famílias na lancha para desembarcá-los. Mais tarde fizeram um trapiche, perto do mirante onde hoje é a “sede da marinha”, na região da reserva ecológica.

Dali até as casas na Praia do Forte eram 3km andando a pé, com toda a bagagem. Quando a maré estava alta e não era possível passar pela frente do Forte. Os mais apressados colocavam uma escada junto ao muro da Fortaleza para passar por dentro.

Foi para dar mais conforto para as famílias que chegavam ou partiam das férias que Pedro Zagonel levou dois caminhões para a Ilha do Mel. O primeiro caminhão, modelo dos anos 20, era de Ângelo Turra, levado para a Ilha em uma balsa no início de 1930. A carroceria não possuía cobertura e oferecia pouco conforto. Foi modificada com uma estrutura de madeira com proteção para chuva e foram colocados bancos para melhor acomodar as pessoas que eram transportadas. Ângelo Turra era quem dirigia o caminhão pela praia, quando a maré estava baixa. Quando esse caminhão ficou em desuso, Pedro Zagonel levou o segundo caminhão, um Ford, em meados dos anos 40, que também era dirigido por Ângelo Turra.

Joanim Galli e alguns nativos da Ilha do Mel construíram uma estrada simples que passava atrás da Fortaleza, para facilitar o transporte dos veranistas e não ter de depender do horário da maré.

Os caminhões foram de grande utilidade, pois facilitavam as idas e vindas. Até a família Zagonel deixar a Ilha do Mel em 1954, os caminhões eram conservados e mantidos por Pedro Zagonel. Dali em diante a respon-

sabilidade passou a ser da Associação da Ilha.

Hospedagem e o cotidiano na Ilha

Lilia Berti Zagonel foi pela primeira vez para a Ilha do Mel com sete anos, e depois aos 12. Mais tarde casou-se com Emílio Zagonel como segunda esposa, pois ele era viúvo. Compraram a antiga casa do Sr José Lupion, única que possuía encanamento. A água vinha de um poço e era bombeada até uma caixa de água.

Seus sogros, Pedro e Rosa Zagonel, chegavam na Ilha em junho e retornavam para Curitiba em agosto. Mesmo assim alugavam a casa do Sr. Domingos, durante todos os meses do ano, fazendo reformas e manutenções necessárias. O Sr Domingos e seu filho Elísio eram responsáveis pelos serviços do Correio da Ilha.

As casas da Vila da Fortaleza eram simples e de madeira, uma ao lado da outra, sem definição de terreno ou cerca. Com o passar dos anos as casas tiveram que ser recuadas, pois o mar avançou, arrancando árvores e palmeiras que ficavam próximas ao mar.

Dois grupos bem definidos de descendentes de europeus freqüentavam a Ilha: alemães e italianos. Uma curiosidade: na seqüência das casas, os grupos conservavam-se separados.

Também havia um hotel, que na época da sua construção era de madeira e pertencia à Associação da Ilha, que o arrendava. Anos mais tarde reformado, passou a ser de alvenaria. No início era dirigido pelo Sr.Teodorinho e Dona Ilda; já na década de 50 era administrado pelo Sr. Emílio e Dona Rosa Galli. Esse hotel foi leiloado e o dinheiro arrecadado doado à Maternidade de Paranaguá. O Hotel continua a ser usado até hoje, feitas as necessárias modernizações.

Os navios que iam para o porto de Paranaguá passavam em frente ao Balneário, tornando isso comum para os veranistas. Apesar disso, a água era muito limpa e não apresentava sinais de óleo no mar.

Os mais velhos gostavam de tomar banho bem cedo, perto das 7 horas da manhã, já os jovens iam mais tarde. Não era costume ficar na praia tomando banho de sol e guarda sol não existia.

Como os dias eram frios, usava-se muito agasalho, chapéus com abas grandes para se proteger do sol, toucas ou lenços para se proteger do vento. Os homens usavam paletó na praia, e tamancos nos pés, costume da época. As mulheres, vestidos longos, sapatos baixos, sem luxo, mas bem arrumadas. Na década de 20 e 30, as roupas de banho eram de lã e cobriam

quase o corpo todo.

Conforme foram passando os anos, nas décadas de 1940 e 50, foram aparecendo maiôs e calções curtos e o uso de roupas mais leves. As mulheres usavam, além dos vestidos, calças compridas e shorts. O mar sempre respeitado, durante esse período, nunca houve um acidente.

A comida era preparada pelas mulheres em fogão a lenha, o que se tornava muito difícil nos dias chuvosos. As crianças se distraiam brincando de casinha, boneca e brincadeiras da época. Mulheres reuniam-se na praia fazendo trabalhos manuais, bordados, tricô e crochê, prática muito comum; também arrecadavam prendas para as festas.

Os homens jogavam “bocha”, jogo tradicional dos italianos, nas areias da praia. À noite jogavam “baralho” até as 10 horas, usando iluminação de lampiões. Às vezes dançavam no Clube Balneário ou no Hotel, ao som do gaiteiro Celeste Turra.

Nessa época não havia luz elétrica. Os únicos que possuíam iluminação eram o Hotel e o Clube Balneário, que funcionavam através de um gerador. Por esse motivo os veranistas usavam o “Petromax”, um lampião a querosene.

A água potável era coletada em uma fonte próxima da Fortaleza e servia para o preparo dos alimentos, a lavagem das roupas e para o banho. Para o banho costumava-se juntar água em barricas. Como era inverno, a água era aquecida e tomava-se o famoso “banho de canequinha”.

Para o esgoto das casas existia o sistema de fossas sépticas que ficavam distantes. O banheiro eram as“casinhas” no fundo do terreno.

O farol da Ilha do Mel fica a seis quilômetros da Praia do Forte e nessa época somente moradores nativos moravam nesta parte da ilha.

Passatempos e atividades

Era comum as famílias se reunirem para longas caminhadas, passando o dia andando por toda ilha. Saíam da Fortaleza até o Farol, subiam o Morro do Sabão (que tem esse nome por ser muito escorregadio na época das chuvas) chegando até a Gruta da Praia das Encantadas. Como apoio às caminhadas, costumavam entalhar, com canivete, bastões de madeira e usar como um cajado, que servia para ajudar a subir morros ou carregar sacolas.

Geralmente saíam em grupos, onde participavam adultos e crianças. Para tanto leva e traz de apetrechos usavam um carrinho de madeira, onde puxavam uma parte das comidas, uma criança pequena, bule para o café,

utensílios para cozinhar mexilhão e fazer o chimarrão. Era um vai e vem que ocupava o dia todo.

Os passeios iam até a Gruta das Encantadas, onde havia água potável, e geralmente lá era feito o piquenique. Na volta, alugavam barcos e voltavam pelo mar de dentro até a passagem mais estreita da Ilha, de nome Brasília, onde tinha o boteco do Diamantino. O restante voltava a pé. Algumas vezes o caminhão levava o grupo até o farol e depois ia buscá-los em Brasília.

Os dias iam passando com as pessoas na praia brincando, pescando e comendo. Preparava-se o café com o coador de pano ou o café tropeiro, que é aquele que ferve o pó junto com a água e depois se côa. Comia-se bolachas, bolinho de chuva, além da alimentação normal. Tomava-se chimarrão e cozinhavam frutos do mar. O pão feito pelo padeiro Teodorico era maravilhoso, e também tinham as famosas cocadas feitas pela Dona Quinota.

Das ilhas próximas (Ilha das Peças) vinham canoas com laranjas e mexericas, que eram compradas às centenas para as crianças. Havia abundância de peixes, principalmente tainhas, e camarões, que eram trazidos por pescadores em suas canoas todas as manhãs.

Religiosidade

A Santa Padroeira da Ilha do Mel é Nossa Senhora dos Prazeres, que foi trazida de Portugal por volta de 1760. A santa permaneceu dentro do Forte por muito tempo. Mais tarde, foi transferida para uma pequena capela localizada entre o Forte e o Mirante. Todas as ações voltadas para a comunidade eram realizadas através da Associação da Ilha, e quem cuidava dela era Pedro Zagonel.

Sendo a comunidade muito unida e católica, Pedro Zagonel católico praticante e proprietário de madeireira, mandou construir no início dos anos 1930, com recursos próprios, uma pequena Igreja, edificada com tábuas e vigamento de imbuia de porte e qualidade. Na Igreja eram celebradas missas, procissões e festas em homenagem à Padroeira. Era costume se arrecadar prendas e fazer roleta ou lanches para a obtenção de recursos para a manutenção da capela e também para pagar o padre que vinha rezar a missa na época da procissão.

Durante os anos da permanência de Pedro e Rosa Zagonel na Ilha, as reformas e a manutenção da Igreja eram feitas por eles. A igreja era muito bem cuidada e conservada.

Em 1939, quando do início da 2º Guerra Mundial, a Ilha do Mel foi decretada área exclusiva militar e ocupada por soldados, não sendo mais permitida a entrada de civis em férias. Nesse período de guerra havia a necessidade do "atestado de permissão" para freqüentar a ilha.

Nos anos de 1950, durante um temporal, as cordas que amarravam a lancha que levava as famílias para a Ilha se soltaram. A lancha sofreu um acidente e ficou encostada em Paranaguá para ser recuperada. A partir daí era preciso depender da lancha dos práticos de Paranaguá, o que dificultava o translado para a ilha. Esse foi um dos motivos que, em 1954, Pedro Zagonel começou a buscar outras praias para a sua família passar as férias. Escolheu a Praia de Leste, onde construiu uma grande casa de madeira com vista para o mar.

Registros

A Família Zagonel gostava de documentar suas férias na Ilha do Mel. Assim hoje possui um significativo e importante acervo de fotos, documentando aspectos da Ilha desde a década de 20, imagens feitas por Celeste Turra (negativo em vidro).

A partir de 1937 Angelo Zagonel (irmão de Pedro) registrou fotos da ilha com sua Kodak 6X9 cm (negativos em película). De igual importância há também um acervo fotográfico da Família Bettega, parente direto da Família Zagonel, que foi agregado ao material coletado.

Emílio Zagonel, além do registro fotográfico, documentou através de filmagens no sistema 8 mm aspectos da ilha dos anos 1950 até 1954. As imagens são únicas. Embora tenham sido produzidas com o intuito de registrar as férias da família, elas documentam vários aspectos da comunidade da Praia da Fortaleza ou Balneário como era denominada a localidade da Ilha.

A Ilha do Mel tem um significado histórico como preservação da memória dos antepassados, das alegrias de um tempo saudoso, sonho de férias de muitos paranaenses e que imprimiu durante anos a importância de "estar junto", "compartilhar" com pais, avós, tios, primos, sobrinhos, amigos, primando pela união familiar.

Esta é a Ilha do Mel, do barco vermelho do prático, da casa de lampião, das brincadeiras a beira do mar, das aventuras nas trilhas e das procissões nas areias do forte!

Texto baseado no depoimento de Lilia Berti Zagonel, 83 anos, neta de imigrantes italianos. Seus pais: Eugenio Berti e Maria Na-

talina Elisabeth Turra (Mariquinha). Esposa de Emilio Zagonel.
Data: 26/02/2008 - Entrevistadores: Hélina Baumel, Kelly Lunardon, Juliano Doberstein

COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL:
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
MINISTRO DA CULTURA
JOÃO LUIZ SILVA FERREIRA
PRESIDÊNCIA DO IPHAN
LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA
DIRETORA DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
MARCIA SANT`ANNA
DIRETOR DO PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO
DALMO VIEIRA FILHO
DIRETORA DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
MARIA EMÍLIA NASCIMENTO SANTOS
DEPARTAMENTO DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO
MÁRCIA HELENA GONÇALVES ROLLEMBERG
SUPERINTENDENTE DO IPHAN NO PARANÁ
JOSÉ LA PASTINA FILHO
EQUIPE TÉCNICA
HÉLINA SAMYRA DE SOUZA BAUMEL (ADAPTAÇÃO DOS TEXTOS)
JULIANO MARTINS DOBERSTEIN (HISTORIADOR)
SONIA DE OLIVEIRA (SETOR DE DIFUSÃO)
KELLY CRISTINA LUNARDON (ESTAGIÁRIA)
DESIGN GRÁFICO
LEANDRO MAZZETTO - WHY COMUNICAÇÃO E DESIGN LTDA.
CONTATO
E-MAIL: IPHAN-PR@IPHAN.GOV.BR – TELEFONE: (41) 3264-7971
END.: R. JOSÉ DE ALENCAR, 1808 – CEP 80040-070 – CURITIBA/PR

IPHAN
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL